



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA – PPGB
MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA – MPB

ANA LÚCIA DA CUNHA DIAS PELLEGRINO

ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO REPOSITÓRIO
INSTITUCIONAL PANTHEON DA UFRJ
construção de um glossário para o Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento
Socioambiental de Macaé da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2019

ANA LÚCIA DA CUNHA DIAS PELLEGRINO

**ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO REPOSITÓRIO
INSTITUCIONAL PANTHEON DA UFRJ**

**construção de um glossário para o Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento
Socioambiental de Macaé da Universidade Federal do Rio de Janeiro**

Relatório de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB) no curso de mestrado profissional em Biblioteconomia (MPB), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Área de concentração: Biblioteconomia e Sociedade.

Linha de pesquisa: organização e representação do conhecimento.

Orientadora: Dra. Miriam Gontijo de Moraes.

Rio de Janeiro

2019

S588p Pellegrino, Ana Lúcia da Cunha Dias
Organização da produção científica do repositório institucional: construção de um glossário para o Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé./ Ana Lúcia da Cunha Dias Pellegrino, 2019.
112 f. : il. (Color). 30 cm CD-ROM

Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

Orientadora: Miriam Gontijo de Moraes

1. Organização do conhecimento. 2. Sistema de Organização do Conhecimento. 3. Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé. Comunidade de Prática. I. Moraes, Miriam Gontijo (Orient.) . II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. III. Título.

CDD 025.49

ANA LÚCIA DA CUNHA DIAS PELLEGRINO

**ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO REPOSITÓRIO
INSTITUCIONAL PANTHEON DA UFRJ
construção de um glossário para o Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento
Socioambiental de Macaé da Universidade Federal do Rio de Janeiro**

Relatório apresentado ao Programa de
Pós-Graduação em Biblioteconomia,
no Curso de Mestrado Profissional em
Biblioteconomia da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em 22 de fevereiro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Dra. Miriam Gontijo de Moraes (Orientadora) – Membro interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio

Prof ° Dr° Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda
Titular Interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio

Prof ° Dr° Alexandre Azevedo
Titular Externo
Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ

Prof ° Drª Geni Fernandes
Suplente Interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio

Prof ° Dr° Francisco de Assis Esteves -
Suplente externo
Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ

AGRADECIMENTOS

Obrigada a Deus, por permitir a realização deste sonho.

Obrigada a minha orientadora, Miriam Gontijo de Moraes, por acreditar no meu potencial desde o início na disciplina do curso de mestrado, organização e representação do conhecimento.

Obrigada aos meus pais, Orlando Dias e Marina da Cunha Dias, por me abrigarem no Rio de Janeiro para a realização deste sonho.

Agradeço ao meu noivo, Alexandre Fernandes da Cunha, por me motivar desde o início e antes mesmo do meu ingresso na pós-graduação do mestrado profissional em biblioteconomia.

Obrigada à Cleide Souza de Macedo, que cuidou da minha recuperação enquanto estive impossibilitada de prosseguir com a dissertação de mestrado.

Obrigada aos meus irmãos, Luciana da Cunha Dias Cazagrande, Marcello da Cunha Dias e Guilherme da Cunha Dias, que ajudaram desde a cirurgia até a minha recuperação enquanto estive impossibilitada de prosseguir com a dissertação.

Agradeço a Deus por ter conhecido minha amiga de curso de mestrado, Jussara Miranda, que muito me apoiou em todos os momentos difíceis da caminhada até o final do curso.

Agradeço a minha chefe da biblioteca do Museu Nacional, Leandra Pereira de Oliveira, que muito apoiou na realização do curso de mestrado.

"Só é lutador quem sabe lutar consigo mesmo."

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

A proposta desta pesquisa foi organizar a produção científica de uma comunidade de prática identificada Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé/ Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (Nupem) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a partir da Análise de Domínio, caracterizando a produção do núcleo para melhorar a visibilidade e a recuperação da informação. O produto gerado a partir desta pesquisa é um Glossário dos termos do domínio em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé, que auxilie na referência à indexação do campo assunto nos metadados adotados pelo Repositório Institucional Pantheon da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para caracterizar a produção científica do Nupem, foram identificados os atributos de uma comunidade de prática conforme o conceito desenvolvido em Wenger (1988), por se tratar de um grupo de pesquisadores em um campo multidisciplinar. Após este enquadramento, foi possível fazer a Análise de Domínio da pesquisa do Nupem para identificação dos conceitos e principais temáticas que compuseram um glossário (terminologia) elaborado por meio da norma ISO 704/2009, de elaboração de trabalhos terminológicos. Foram identificados 711 termos de 83 dissertações, desenvolvidas no período de 2012 a 2017, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação (PPG-CiAC), ligado ao Nupem, que foram escolhidas para subsidiar a representação lógica e semântica do domínio. Após a delimitação do domínio, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011) para a identificação do campo semântico deste domínio, e a Teoria de Conceito de Dahlberg para a caracterização dos conceitos e os relacionamentos entre eles. Com a definição dos conceitos e suas formas verbais, também foram identificados os sinônimos e escolhidos os descritores para representação do domínio. A categorização dos termos foi feita com base na análise facetada de Ranganathan, com os descritores distribuídos nas macrocategorias PMEST (Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo). A elaboração do Glossário da produção científica do Nupem é um instrumento para indexação, controle das ambiguidades e visibilidade desta produção, de forma a instrumentalizar a organização desta produção no âmbito do Repositório Institucional da UFRJ.

Palavras-chave: Organização do Conhecimento. Sistema de organização do conhecimento. Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé. Comunidade de Prática.

ABSTRACT

The purpose of this research was to organize the scientific production of a community of practice identified as Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (Nupem) of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), from the domain analysis, characterizing the production of the nucleus to improve visibility and retrieval of information. The product of this research is a controlled vocabulary of the terms of the Ecology and Socioenvironmental Development of Macaé, which helps in the indexing of the subject field in the metadata adopted by the Pantheon Institutional Repository. To characterize Nupem's scientific production, the characteristics of a community of practice were identified according to the concept developed by Wenger (1988), because it is a group of researchers in a multidisciplinary field. After this framework, it was possible to apply the domain analysis of Nupem research to identify the concepts and main topics that made up a glossary (terminology) elaborated according to ISO 704/2009, for the elaboration of terminological works. 711 terms were identified from 81 dissertations, developed in the period from 2012 to 2017, within the scope of the Graduate Program in Environmental Sciences and Conservation (PPG-CiAC), linked to Nupem, which were chosen for the semantic representation of the domain. The technique of Content Analysis of Bardin (2011), after domain delimitation, and Dahlberg's Concept Theory was used. With the definition of the concepts and the identification of the terms (only verbal form), synonyms were also identified and the descriptors were chosen for domain representation. The categorization of the terms was based on Ranganathan's faceted analysis, with the descriptors distributed in the macro-categories PMEST (Personality, Matter, Energy, Space and Time). The elaboration of the controlled vocabulary of Nupem's scientific production is an instrument for indexing, controlling the ambiguities and visibility of this production.

Keywords: Knowledge Organization. Knowledge Organization System. Ecology and socio-environmental development of Macaé. Practice Community

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Panorama do SIBI 207	17
Figura 2 – Interface da Base Minerva com busca pela Unidade Nupem e Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação.....	19
Figura 3 – Interface do Resultado da busca dos registros da Unidade NUPEM e Pós-Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação	20
Quadro 1 – Atributos para sistematização da produção científica do Nupem.....	21
Quadro 2 – Identificação de atributos para tratamento das informações das dissertações do Nupem.....	33
Quadro 3 – Ficha terminológica	34
Quadro 4 – Categorias para modelagem do domínio	35
Quadro 5 – Quadro de definições	36
Quadro 6 – Etapas da metodologia.....	37
Quadro 7 – Exemplos do glossário facetado	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Aleph	Automated Library Expansable Program
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CONSUNI	Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro
CoP	Comunidade de Prática
DSPACE	Institucional Digital Repository System
FCC	Fórum de Ciência e Cultura
FORTRAN	Formula Translation System
ISO	International Organization for Standardization
NCE	Núcleo de Computação Eletrônica
Nupem	Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade
OC	Organização do Conhecimento
PPG-CiAC	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação
RIP	Repositório Institucional Pantheon
SIBI	Sistemas de Biblioteca e Informação
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Objetivo geral	14
1.2	Objetivos específicos	15
2	REFERENCIAL EMPÍRICO	16
3	REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL	22
3.1	Comunidade de Prática na Organização do Conhecimento	24
3.2	Análise de domínio	25
3.3	Teoria do Conceito de Dahlberg e a Análise de Domínio	27
3.4	Princípios da Teoria da classificação facetada (TCF)	28
4	ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	31
5	RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICE A – DISSERTAÇÕES ANALISADAS	44
	APÊNDICE B – MAPA CONCEITUAL	53
	APÊNDICE C – GLOSSÁRIO	54

1 INTRODUÇÃO

O Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé (Nupem/UFRJ), hoje Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade Nupem/UFRJ, foi transformado em Instituto especializado do Centro de Ciências e Saúde, por meio da resolução nº 11, de 6 de dezembro de 2018 do Conselho Universitário (CONSUNI), publicada em diário oficial da união. É um Instituto multidisciplinar de pesquisas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Uma vez que o Nupem é historicamente associado ao Instituto de Biologia, sua produção científica é capaz de integrar conceitos e métodos oriundos de diversas disciplinas da Biologia, Química, Bioquímica e Geologia na análise de questões ambientais (NUPEM, 2019).

Nesta pesquisa, propõe-se organizar e representar a produção científica do Nupem, por meio das abordagens da Organização e Representação do Conhecimento, notadamente da Análise de Domínio e da elaboração de um glossário como um sistema de organização do conhecimento. A Análise de Domínio se encaixa como uma abordagem teórica e metodológica participativa na organização do conhecimento por meio de comunidades de prática, discursivas ou virtuais, que é uma tendência em sociedades que se caracterizam pela complexidade e fragmentação do conhecimento. (MORAES, 2016)

Entendendo ser o conhecimento e sua organização uma prática social, a perspectiva analítica da sociologia da Ciência de Pierre Bourdieu, cuja categoria de análise do Campo Científico nos ajudou a delinear melhor a importância da instituição deste núcleo de pesquisa a partir da constituição de uma comunidade de prática. Segundo Bourdieu (1976), “O universo "puro" da mais "pura" ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros”, que toma forma específica em vários campos científicos. E enquanto um campo social, Bourdieu (1976) enfatiza que o próprio funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse, pelo fato de que todas as práticas estão orientadas para a aquisição de autoridade científica (prestígio, reconhecimento, celebridade etc.), o que chamamos comumente de "interesse" por uma atividade científica (uma disciplina, um setor dessa disciplina, um método etc.) é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros; portanto, aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que o produz como importante

e interessante aos olhos dos outros indica a tendência dos pesquisadores a se concentrar nos problemas considerados como os mais importantes se explicam pelo fato de que uma contribuição ou descoberta concernente a essas questões traz um lucro simbólico.

Encontramos na trajetória do Núcleo de Pesquisas Ecológicas de Macaé (Nupem), uma forma específica de campo científico segundo a categoria de análise do Campo Científico. No início da década de 1980, o Professor Francisco de Assis Esteves, então docente da Universidade Federal de São Carlos, no Estado de São Paulo, iniciou juntamente com seus estagiários, as pesquisas pioneiras sobre a Ecologia das lagoas costeiras de Macaé e Região fluminense. Esta Região então passava por um período de profundas transformações socioeconômicas impulsionadas principalmente pela exploração do petróleo. As pesquisas realizadas pelo Prof. Francisco Esteves e sua equipe resultaram nas primeiras publicações sobre estes ecossistemas de peculiaridade ecológica.

Um interesse que se pode identificar para a constituição de um campo científico que se denomina Ecologia e desenvolvimento socioambiental foi, sem dúvida, a necessidade de preservar um dos poucos trechos do litoral brasileiro de grande extensão, e que ainda estava intacto ecologicamente: a Restinga de Jurubatiba. Tomada a consciência da necessidade de preservação, os pesquisadores, liderados pelo Prof. Francisco de Assis Esteves, iniciaram a luta para transformar a Restinga de Jurubatiba em uma Unidade de Conservação. Assim, o grupo de pesquisadores, que se formava em torno do campo denominado Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé, liderou um movimento social, iniciado em 1995, a partir deste município fluminense, e que com o tempo passou a contar com o apoio de outros municípios, instituições e pesquisadores do Brasil e do exterior, culminando com a criação, em abril de 1998, do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba.

Com a criação do Nupem, novos pesquisadores, com projetos de pesquisa, passaram a fazer parte de sua equipe ampliando o conhecimento da biodiversidade, de processos ecológicos e de teorias ecológicas sobre as lagoas e as restingas do Norte Fluminense puderam ser realizados.

Os resultados obtidos e a interação com a sociedade Norte Fluminense foram fatores fundamentais para consolidação da parceria entre o Nupem, a Prefeitura Municipal de

Macaé e a Petrobrás que doou um terreno para a construção de uma nova sede do Núcleo. Com a nova sede, inaugurada em 10 de Março de 2006, dotada de vários laboratórios, auditório, salas de aula e demais infraestrutura, foi possível ampliar as linhas de pesquisa e a missão socioambiental do Nupem, que teve a sua institucionalização pelo Conselho Universitário da UFRJ como uma Unidade do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ em Julho de 2006 (até então o Nupem era uma extensão do Laboratório de Limnologia do Instituto de Biologia/UFRJ) e a contratação de seus 15 primeiros pesquisadores em tempo integral para dedicarem-se exclusivamente às atividades de pesquisas, ensino e extensão em Macaé. Com a efetivação de seus primeiros pesquisadores-professores foi possível criar o Curso de Ciências Biológicas, ministrado em parceria com o Instituto de Biologia/UFRJ.

Assim, a partir de um pequeno laboratório, instalado na varanda de uma barraca de acampamento foi possível criar, em Macaé, um centro de excelência em pesquisa nas áreas biológicas e ambiental, que em poucos anos de existência se tornou um modelo de integração pesquisa-ensino-sociedade. (NUPEM,2017)

Com a criação do Nupem, novos professores, com novos projetos de pesquisa, passaram a fazer parte de sua equipe, possibilitando grandes avanços ao conhecimento da biodiversidade, de processos ecológicos e de teorias ecológicas sobre as lagoas e as restingas do Norte Fluminense. Entre estes pesquisadores destacam-se os professores Reinaldo Luiz Bozelli, Fábio Rubio Scarano e Déia Maria Ferreira da UFRJ, que desenvolveram um número expressivo de pesquisas inéditas no país, formaram muitos discípulos e tiveram significativa contribuição para a formação da consciência ambiental da população de Macaé e região (NUPEM, 2018).

Destinado a estimular e fortalecer as atividades de pesquisa, ensino, extensão e desenvolvimento tecnológico da UFRJ no campo das Ciências Biológicas, nas Regiões Norte, Noroeste, Serrana e Baixada Litorânea do Estado do Rio de Janeiro, em 2006, o órgão passou a sediar o primeiro curso em um campus avançado da UFRJ (Licenciatura em Ciências Biológicas), vinculado ao Instituto de Biologia. Em 2011 foi implantado o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado e Doutorado) em Ciências Ambientais e Conservação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPG – CiAC / Campus Macaé. O Programa forma profissionais com base nas ciências dedicadas à Conservação e Manejo dos Recursos Naturais, sendo capaz de integrar conceitos e

métodos oriundos de diversas disciplinas da Biologia, Química, Bioquímica e Geologia na análise de questões ambientais. As linhas de pesquisa do PPG-CiAC incluem a descrição e reconhecimento da rica biodiversidade regional em seus vários níveis e valores, bem como a compreensão do funcionamento dos ecossistemas naturais para seu manejo, conservação e uso sustentável. Atualmente o Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade oferece o curso de graduação em ciências biológicas (bacharelado e licenciatura), o programa de pós-graduação stricto sensu (mestrado acadêmico e doutorado) em Ciências Ambientais e o programa de pós-graduação lato sensu em Humanidades. A unidade possui 21 laboratórios de pesquisas que atendem às demandas estruturais e tecnológicas das atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pelos docentes e alunos (NUPEM, 2019).

Os alunos do PPG-CiAC têm, portanto, a oportunidade de incorporar a interdisciplinaridade como princípio básico para compreensão e análise de questões científicas complexas.

Atualmente, as bibliotecas integradas da Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ utilizam o software gerenciador de serviços de bibliotecas Aleph, que permite a integração dos acervos das bibliotecas da UFRJ.

Por meio do módulo de catalogação, o Aleph utiliza o formato MARC 21 para inserir os metadados e alimentar a Base Minerva (www.minerva.ufrj.br). A Minerva é um catálogo virtual ou uma base de dados dos acervos das 44 bibliotecas da UFRJ. O catálogo é disponibilizado por meio do acesso local e remoto, ele arrola referências descritivas das informações das obras.

Recentemente lançado na UFRJ, o Repositório Institucional RI Pantheon é um sistema de informação, em plataforma colaborativa, capaz de armazenar, preservar, divulgar e dar acesso à produção intelectual da comunidade científica. O objetivo é reunir a produção acadêmica (científica, artística, cultural, tecnológica, de inovação, didática e institucional) e ampliar a visibilidade e acessibilidade à produção científica da UFRJ. O Repositório Pantheon possui a vantagem do auto-arquivamento da produção científica, pelo qual o próprio autor faz o depósito. O RIP utiliza elementos metadados do padrão Dublin Core. O compartilhamento de informações, entre a Base Minerva e RIP, gera dificuldade por possuírem padrões diferentes, no entanto não

impede o processo de troca de informações. Seu auto arquivamento inclui: produção científica Institucional Teses e dissertações da UFRJ, artigos científicos, livros eletrônicos, capítulos de livros e trabalhos apresentados em eventos para professores, pesquisadores, pessoal administrativo alunos de mestrado e doutorado. Além das características apresentadas, o RI Pantheon faz intercâmbio de dados e recupera as informações referentes às dissertações e teses contidas na base minerva.

Apesar de sua visibilidade entre os pares e seu crescimento quantitativo e qualitativo, desde a criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação (PPG-CiAC) (mestrado em 2012 e doutorado em 2015), até o momento não existe nenhum produto do Nupem (dissertação, tese, artigo) catalogado na base Minerva.

A partir de um diagnóstico preliminar para o desenvolvimento da pesquisa, foi feita uma busca dos termos, biologia, botânica, zoologia, ecologia, Limnologia e meio ambiente na Base Minerva e no RIP e observados os seguintes problemas:

- a) Nenhuma visibilidade da produção científica do Nupem na base de dados Minerva, no período de 2015 a 2017;
- b) Não povoamento no Repositório Institucional Pantheon com o acervo do Nupem.

A problemática investigada desta pesquisa é evidenciar como a representação e organização do conhecimento auxilia na recuperação das informações; Como a organização da produção científica possibilita a visibilidade institucional e como o Nupem se constitui uma comunidade de prática.

Para isto, pretende-se buscar organização do acervo do Nupem, por meio do controle de vocabulário, para diminuir a alta taxa de revocação e consequentemente aumentar a precisão além de melhorar sua visibilidade, o que está relacionado à estruturação do Repositório Pantheon.

1.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste projeto é realizar a organização do acervo do Nupem a partir da Análise de Domínio caracterizando a produção do instituto para melhorar a visibilidade e a recuperação da informação.

1.2 Objetivos específicos

Para caracterizar a produção científica do Nupem da UFRJ, será necessário:

- a) identificar os atributos de uma comunidade de prática conforme o conceito desenvolvido em Wenger (1998);
- b) analisar o domínio de pesquisa do Nupem para identificação dos conceitos e principais temáticas (HJØRLAND, 2007);
- c) organizar o conhecimento registrado do domínio referenciado por meio de um glossário dos termos extraídos a partir da análise de conteúdo.

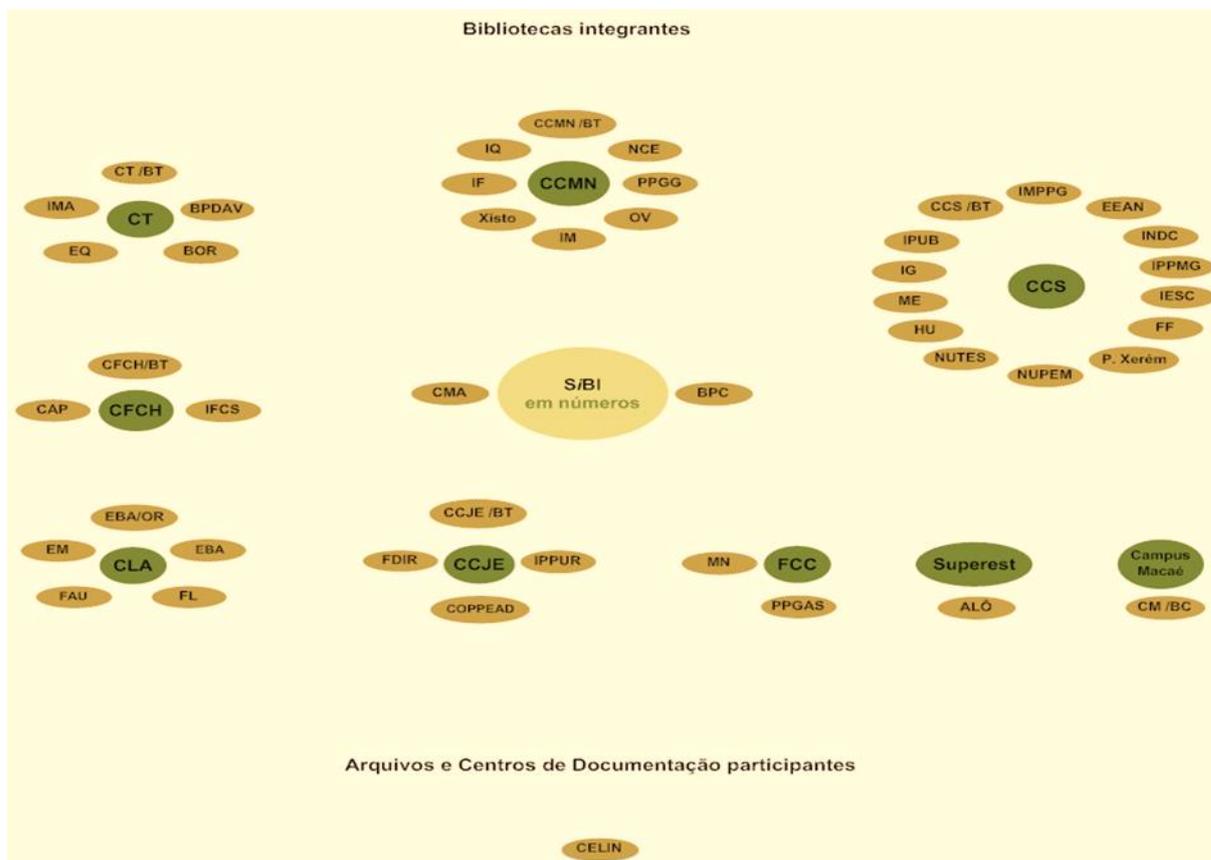
2 REFERENCIAL EMPÍRICO

Inicialmente no ano de 2002, a biblioteca do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade Nupem/UFRJ foi instalada em um espaço cedido pela prefeitura de Macaé no Parque de Exposições de Macaé Latiff Mussi Rocha no bairro de São José do Barreto no Município de Macaé. Sua coleção era constituída por doações de docentes e alunos que por ali passavam e desenvolviam suas pesquisas em biodiversidade, processos ecológicos e de teorias ecológicas sobre as lagoas e as restingas do Norte Fluminense. Neste período, por meio do parecer da visita técnica da Coordenadora do Sistemas de Biblioteca e Informação (SIBI¹), a bibliotecária Mariza Russo, em reunião do CONSUNI² é aprovada, por unanimidade, a formação Oficial da biblioteca do Nupem e publicada a Portaria nº 2809, de 02 de outubro de 2002 boletim da UFRJ (UFRJ, 2002). A partir desta transição, a biblioteca é inserida no organograma do SIBI/UFRJ e passa a ter direitos aos serviços e produtos do SIBI, que é o órgão suplementar do Fórum de Ciência e Cultura (FCC) gerenciador das 45 bibliotecas da UFRJ e tem por objetivo principal a interação de suas bibliotecas com a política educacional e administrativa da Universidade, servindo de apoio aos programas de ensino, pesquisa e extensão. Desta forma, fomentamos a colaboração e a produção técnico-científica, cultural, literária e artística, através do desenvolvimento de serviços e produtos de informação. Na Figura 1 é apresentada o organograma do órgão, identificados as bibliotecas, arquivos e os centros de documentação integrantes do sistema, por unidade acadêmica da UFRJ.

¹ O SiBI está subdividido entre Coordenação, Secretaria, Centro Referencial, Desenvolvimento de Bibliotecas, Processamento Técnico e Memória Institucional. (SIBI, 2017).

² Conselho Universitário.

Figura 1 – Panorama do SIBI 207



Fonte: extraído de SIBI, 2017, *online*.

Em 10 de Março de 2006, a Prefeitura de Macaé, em convênio com a UFRJ, inaugura a sede do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade Nupem/UFRJ e a biblioteca é contemplada com uma área maior para novas instalações (NUPEM, 2019).

A produção acadêmica do Nupem é depositada na Biblioteca Setorial Aloísio Teixeira. O material depositado arrola artigos de periódicos, teses, dissertações, livros e trabalhos de eventos produzidos no Nupem. Parte desta produção está organizada na base de dados Minerva da UFRJ. A organização é processada por meio do sistema integrado de bibliotecas Aleph utilizando o módulo de catalogação e um bibliotecário da unidade é designado para fazer esta atividade. Parte do material está no setor de processo técnico da biblioteca aguardando ser preparada e disponibilizada para uso.

O processo de informatização das bibliotecas da UFRJ foi iniciado em 1968, a princípio pela Biblioteca do Centro de Tecnologia, utilizando cartões perfurados, linguagem FORTRAN e emitindo listagens como produto. Em 1971, a partir da dissertação de

mestrado de Szwarcfiter, defendida na Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Engenharia, foi desenvolvido um novo software implantado em 1972. (SOUZA FILHO, 1992).

Em 1993, iniciou-se o processo de automação com o registro patrimonial de manuscritos e, em 1994, a entrada de livros e partituras. No entanto, a metodologia utilizada, segundo bibliotecárias, era lenta, a informação bibliográfica era descrita em planilhas e posteriormente enviadas para o NCE (Núcleo de Computação Eletrônica), onde eram inseridas no Sistema de Automação das Bibliotecas da Universidade. Apenas o módulo de catalogação era disponibilizado, no entanto os usuários não tinham acesso à consulta do catálogo bibliográfico. (BRANDÃO, 1993)

Uma avaliação dos sistemas de gerenciamento de serviços de bibliotecas foi feita pelo Núcleo de Computação Eletrônica junto ao SIBI e em 1997 um novo software, o Aleph foi implantado, dando origem à Base de dados Minerva³.

O Aleph 500™ é um sistema integrado para automação de bibliotecas e centros de pesquisa, desenvolvido pela empresa Ex Libris e adquirido pela UFRJ para esse fim, em 1997. (TEIXEIRA, 2011).

Características do Aleph:

- a) flexibilidade: os componentes de customização do sistema são parametrizados para acomodar as exigências de instituições de todos os tipos e tamanhos;
- b) fácil de usar: fluxos de trabalho amigáveis e interfaces gráficas intuitivas aumentam a eficiência da equipe e aprimoram a experiência do usuário;
- c) abertura: oferece tecnologia para compartilhamento de recursos, conectividade e interação com outros sistemas e banco de dados.

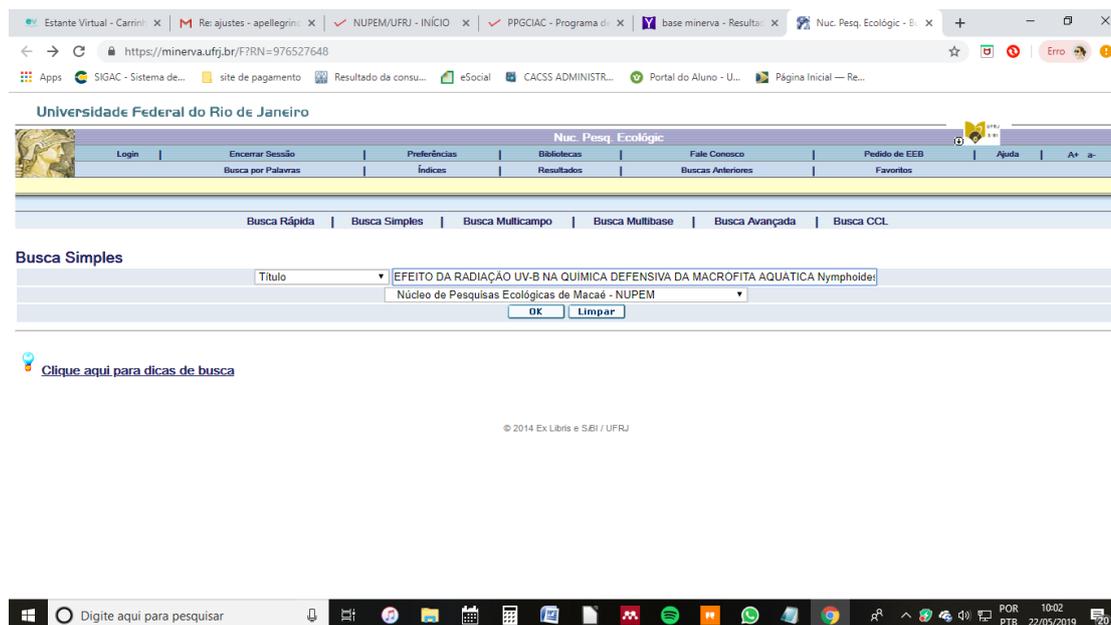
Módulos integrados do sistema:

- a) WEB OPAC: é o portal do usuário da biblioteca ao sistema Aleph;
- b) ADAM: módulo de gerenciamento de recursos digitais;

³ Disponível em: www.minerva.ufrj.br. Acesso em: 2 abr. 2019.

- c) CATALOGAÇÃO: possui modelo de catalogação padrão do Aleph, mas permite a utilização de versões personalizadas pela própria instituição;
- d) AQUISIÇÃO E PERIÓDICOS: controla os processos de aquisição de material bibliográfico incluindo a gestão de orçamentos, documentação e entrega;
- e) CIRCULAÇÃO: controla o fluxo de circulação do acervo.

Figura 2 – Interface da Base Minerva com busca pela Unidade Nupem e Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação



Fonte: captura de tela da Base Minerva, 2019⁴.

⁴ Disponível em: <https://minerva.ufrj.br/F?RN=331837910>. Acesso em: 21 maio 2019.

Figura 3 – Interface do Resultado da busca dos registros da Unidade NUPEM e Pós-Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação

The screenshot shows the Minerva search interface with the following search criteria:

- Informar palavra ou expressão: Efeito da Radiação UV-B na Química Defensiva da I
- Campo para busca: Todos os campos
- Expressão exata?: Não (selected)

The search results are displayed in a table:

Número de registros:	Busca permutada (sem adjacências)
0	Todos os Campos= Efeito da Radiação UV-B na Química Defensiva da Macrófita Aquática Nymphoides Indica
4989	Todos os Campos= Efeito
193375	Todos os Campos= da
975	Todos os Campos= Radiação
11	Todos os Campos= UV-B
79062	Todos os Campos= na
15696	Todos os Campos= Química
32	Todos os Campos= Defensiva
193375	Todos os Campos= da
16	Todos os Campos= Macrófita
80	Todos os Campos= Aquática

© 2014 Ex Libris e SBI / UFRJ

Fonte: captura de tela da base Minerva, 2019⁵.

Diante da constatação de nenhuma visibilidade da produção científica do Nupem na base de dados Minerva, no período de 2013 a 2017 e conseqüentemente do não povoamento no Repositório Institucional Pantheon com o acervo do Nupem, buscou-se a sistematização da produção científica do núcleo por meio de uma planilha eletrônica.

Foi construído um banco de dados na planilha excel para sistematização das dissertações, teses e artigos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação no período referenciado, com a definição das seguintes características (QUADRO 1):

5 Disponível em:

https://minerva.ufrj.br/F/SS7GJHSANIJJ7SAL2EA1F1FDUSJC28HDCX5BLMM7N9G7BFRN27-38854?func=find-b&find_code=WPR&request=+em+Ci%C3%A7%C3%A2ncias+Ambientais+e+++++Conserva%C3%A7%C3%A3o+&local_base=NUPEM&x=49&y=8. Acesso em: 22 maio 2019.

Quadro 1 – Atributos para sistematização da produção científica do Nupem

Item	Data	Autor	Título	Linha de Pesquisa	Base Minerva/situação
Artigo	2016	BAUER A. B. Et all;	Coleção de peixes do núcleo em ecologia e desenvolvimento socioambiental de macaé, universidade federal do rio de janeiro (npm-nupem/ufrrj): reflexões sobre o papel de coleções zoológicas regionais na estrutura universitária brasileira.	Ecologia de Peixes; Ecologia de Peixes do Pantanal Matogrossense; Ecologia de peixes em ecossistemas costeiros; Efeitos da conectividade hidrológica sobre a dinâmica de metacomunidades em ecossistemas aquáticos costeiros.	Indisponível
Total de artigos	149				
Dissertação	2016	SILVA, G. D. F. Da	Composição florística e análise estrutural de um remanescente florestal na estação experimental da pesagro de macaé, macaé – rj.	Biodiversidade Estrutura e Reconhecimento	Indisponível
Total de dissertações	81				
Tese	2014	SILVA, E. R.	Dinâmica das frotas e sustentabilidade dos sistemas de produção pesqueira de Macaé (RJ): subsídios para gestão e conservação dos estoques naturais de pescado,	Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental	Indisponível
Total de teses	23				

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

A partir deste tratamento inicial da produção científica do Nupem, optou-se por trabalhar com o universo das dissertações do Núcleo para a representação e organização da produção.

3 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

A organização do conhecimento é uma disciplina dedicada a investigação dos fundamentos científicos e o desenvolvimento das técnicas de planejamento, construção, uso, gestão e avaliação das habilidades e ferramentas empregadas nos sistemas de informação para tratamento, armazenamento e recuperação de documentos criados pela humanidade para testemunhar seus atos e transmitir seus conhecimentos com a finalidade de garantir sua conversão em informação capaz de gerar novo conhecimento.

“[...] Se ocupa do estudo, dos recursos, dos instrumentos utilizados nos diversos centros de informação [...] para a identificação, extração e descrição da informação registrada nos documentos, a partir de análise do seu conteúdo ou de seu modo de produção, visando classifica-los de modo que permita a recuperação mais eficaz e satisfatória inerente às demandas dos usuários. (MIRANDA, 2005).

Segundo Café e Brascher (2011) a organização do conhecimento (OC), como campo de estudo, está fundamentada essencialmente em análises de cunho semântico. Relações semânticas são estabelecidas por meio de análise das características ou propriedades dos conceitos, as quais permitem identificar diferenças e semelhanças que evidenciam determinados tipos de relacionamentos.

Mas para organizar é preciso representar. Segundo Hodge (2000), “deve haver uma correspondência entre o sistema de organização do conhecimento e a realidade que elepretende representar”. Conforme Ferreira (2013, p. 328) “A representação existe para comunicar, sendo uma forma de comunicação, deve apresentar-se inteligível, contextual e verossímil àquilo que se propõe representar”. A representação da informação no campo da organização do conhecimento é a substituição de uma entidade linguística longa e complexa – o texto de um documento – por sua descrição abreviada. Sua função é demonstrar a essência do documento. A representação da informação é um processo primeiro de transferência da informação, necessário para enfatizar o que é essencial no documento, considerando sua recuperação (NOVELLINO, 1998, p. 137).

Conforme Campos e Campos (2003) ao comparar os mecanismos de abstração

presentes em teorias da Ciência da Informação, Ciência da Computação e Teoria da Terminologia, identificaram as teorias da Classificação Facetada de Ranganathan e do Conceito de I. Dahlberg, como as mais utilizadas na representação de sistemas de conceitos e que possibilitam a representação de domínios de conhecimento (Pereira e Bufrem, 2005).

Tradicionalmente a Organização e Representação do Conhecimento é vista pela Biblioteconomia como a representação de textos com o objetivo de mediar as práticas informacionais, com o propósito de recuperá-los. Enquanto um campo de pesquisa, a Organização e Representação do Conhecimento também pode ser entendida como um campo sociocultural que vai incidir sobre os modos de construção de instrumentos de representação e organização e que muitas vezes não é levada em conta na prática dos profissionais da informação.

Nesta perspectiva, é preciso esclarecer a necessidade de se fazer uma distinção entre Organização do Conhecimento(OC) e áreas correlatas como o caso da Organização da Informação. Dahlberg (1993), em seu artigo intitulado *Knowledge Organization: its scope and possibilities*, já reivindicava a constituição de um campo autônomo de investigação. Hjørland (2008) defende a OC como um campo não só instrumental mas também preocupado com a natureza e qualidade dos processos e sistemas de organização do conhecimento, o que demanda um aprofundamento teórico e metodológico, a partir das concepções fundantes de Evelyn Bliss, em 1929 e da própria Dahlberg, em sua dissertação de mestrado, em 1973, na qual a Organização do Conhecimento se funda em unidades de conhecimento, que são os conceitos, formados por enunciados verdadeiros sobre um referente.

Hjørland (2003) aprofunda o debate epistemológico do campo da Organização do Conhecimento trazendo a distinção entre a organização cognitiva do conhecimento e a organização social do conhecimento. Segundo este autor, a abordagem cognitiva de organização do conhecimento é um campo de estudo focado em questões de natureza e qualidade de processos, instrumentos e produtos e a abordagem social da organização do conhecimento tem seu foco na divisão social do trabalho, entendida aqui no debate sociológico que aponta que toda sociedade é composta de diferentes indivíduos que desempenham diversos papéis juntamente a outros indivíduos que dão suporte aos papéis desempenhados, esses indivíduos se relacionam entre si produzindo conhecimento, repertórios, códigos e normas.

No campo da Organização do Conhecimento, na perspectiva social, o conhecimento é a unidade de análise, enquanto um consenso estabelecido. Este conhecimento pode se apresentar em categorizações das profissões e disciplinas.

Para organizar a produção científica de um campo multidisciplinar, como o identificado no âmbito da produção científica do Nupem, partiu-se do ponto de vista sociocultural, no qual a

categoria de análise de comunidade de prática possibilita, a nosso ver, identificar as fronteiras do domínio Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé.

3.1 Comunidade de Prática na Organização do Conhecimento

A categoria de análise Comunidades de Prática (CoPs) é usada para conceituar disciplinas acadêmicas e grupos profissionais dentro de instituições e organizações por estudos sobre o desenvolvimento e partilha de conhecimento. Conforme Moraes (2016) uma primeira noção sobre Comunidade de Prática designa um grupo de pessoas que se unem em torno de um mesmo tópico ou interesse. Essas pessoas trabalham juntas para achar meios de melhorar o que fazem, ou seja, na resolução de um problema na comunidade ou no aprendizado diário, através da interação regular. O conceito de comunidades de prática é utilizado no estudo do capital social nas empresas e em recente pesquisa da mesma autora, a categoria de análise CoPs se mostrou eficiente para atingir os objetivos iniciais de levar à comunidade em geral os esclarecimentos sobre as formas de acesso ao patrimônio documental científico produzido por pesquisadores da UNIRIO. Por meio da identificação e do mapeamento das comunidades de prática envolvidas nas atividades de pesquisa da UNIRIO foi operacionalizada a construção de uma abordagem de organização e representação do conhecimento produzido na instituição. (MORAES, 2016)

Segundo Wenger e Snyder (2001), a comunidade de prática (CoP) é um grupo de pessoas unidas para debater acerca de um determinado tema, para desenvolvimento de competências pela troca de conhecimentos, ressaltando como vantagem o fato de elas encontrarem na prática e na troca de experiências uma solução para o aprendizado, bem como para a resolução de problemas, em tempo menor do que ocorreria normalmente.

Wenger, McDermott e Snyder (2002, p. 27) afirmam que as características que definem a comunidade de prática são o domínio, a comunidade e a prática.

Ainda segundo Wenger (1998) citado por Moraes (2016), três dimensões caracterizam as comunidades de prática, a partir da análise de vários estudos etnográficos. As três dimensões interrelacionam-se e ao pensar cada uma delas é necessário ter presente a interação com as outras. São elas: empenhamento mútuo (mutual engagement); empreendimento conjunto (joint enterprise); repertório partilhado (shared repertoire). A noção de repertório envolve recursos como experiências, ideias, histórias, ferramentas, estilo e formas de lidar com problemas

recorrentes, e documentos produzidos e compartilhados. E o resultado é um produto da comunidade e não do indivíduo (MORAES,2016).

Encontramos na trajetória do Núcleo de Pesquisas Ecológicas de Macaé (Nupem), uma forma específica de campo científico segundo a categoria de análise de Comunidade de Prática. Um interesse que se pode identificar para a constituição de um campo científico que se denomina Ecologia e desenvolvimento socioambiental foi, sem dúvida, a necessidade de preservar um dos poucos trechos do litoral brasileiro de grande extensão, e que ainda estava intacto ecologicamente: a Restinga de Jurubatiba.

A proposta de representação da produção científica do Núcleo se baseou na estratégia *bottom-up* de construção de uma estrutura conceitual, uma vez que partiu-se da análise indutiva dos termos usados na comunicação e prática científica de uma comunidade de pesquisadores para a representação do domínio multidisciplinar Ecologia e desenvolvimento socioambiental

3.2 Análise de domínio

A Análise de Domínio é uma proposta teórica e metodológica que orienta ao reconhecimento do contexto no qual se pretende operacionalizar a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento. Ela visa não apenas fundamentar as práticas referentes às operações de classificação e representação da informação, mas também dar consistência e maior rigor científico nos processos de representação do conhecimento e da informação (HJØRLAND, 2008).

Por meio da Análise de Domínio torna-se possível verificar o que é efetivamente importante ou significativo em um dado campo, de tal modo que aspectos como tendências, padrões, processos, agentes e seus relacionamentos possam ser identificados e analisados. Assim, ao estudar os aspectos teóricos de um dado entorno geralmente representado por uma literatura ou comunidade de pesquisadores, constitui um meio para a geração de novo conhecimento acerca da interação de uma dada comunidade científica com a informação (DANUELLO, 2007; SMIRAGLIA, 2011).

Segundo Hjørland (2002), um domínio pode apresentar características sobre uma determinada comunidade científica, suas práticas e os limites existentes em campos do conhecimento, disciplinas ou até mesmo entre empresas e determinado segmento da economia.

Conforme a abordagem cognitiva da Organização do Conhecimento evidenciada por Hjørland (2003), cujo campo de estudo está focado em questões de natureza e qualidade de processos, instrumentos e produtos, nesta perspectiva, a Análise de Domínio pode ser definida como um sistema formal de termos, que estabelece suas relações, respeitando regras de composição e raciocínio. (ARANGO, 1994).

Neste sentido, a Análise de Domínio auxilia na definição das entidades, operações, eventos e relações que eliminam ambiguidades entre os termos, colaborando na construção de uma modelagem de componentes comuns às diferentes aplicações analisadas.

A organização do conhecimento através da representação do conhecimento é operacionalizada somente com o levantamento dos aspectos culturais, sociais, linguísticos e cognitivos das comunidades científicas de determinada área de conhecimento, ou seja, de uma área de especialidade. (HJORLAND, 2002).

Hjørland (2002) enunciou um conjunto de 11 “abordagens” que, a seu ver caracterizam Análise de Domínio, uma vez que é a partir da aplicação de mais de uma delas ao mesmo domínio que se torna possível melhor conhecê-lo enquanto tal. São elas:

- a) produção de obras de referência: organizam fontes de informação em um domínio de acordo com os tipos e funções servidas. Eles enfatizam descrições ideográficas das fontes de informação e descrições de como as fontes complementam uma a outra, geralmente, em uma perspectiva de sistema.
- b) construção de linguagens de indexação: especialmente as abordagens baseadas em facetas organizam a estrutura lógica de categorias e conceitos em um domínio bem como a relação semântica entre os conceitos.
- c) indexação e recuperação de especialidades: organiza documentos ou coleções para melhorar a recuperabilidade e visibilidade do seu potencial epistemológico.
- d) estudos empíricos de usuários: podem organizar domínios de acordo com as preferências ou comportamento ou modelos mentais dos seus usuários. Podem representar uma abordagem importante para Análise de Domínio na CI se utilizarem a teoria adequada. Eles podem, por exemplo, prover informação sobre diferenças nas necessidades de informação em diferentes comunidades.

- e) estudos bibliométricos: organizam padrões sociológicos de reconhecimento explícito entre documentos individuais. Podem ser utilizados como ferramentas e métodos na Análise de Domínio de várias formas.
- f) estudos históricos: organizam tradições, paradigmas bem como os documentos e formas de expressão de suas influências mútuas.
- g) estudo de documentos e gênero: revelam a organização e estrutura de diferentes tipos de documentos em um domínio. Diferentes documentos para diferentes comunidades discursivas. A forma como os documentos são utilizados varia de um domínio para o outro.
- h) estudos epistemológicos e críticos: organizam o conhecimento de um domínio acordo com suas suposições básicas sobre conhecimento e realidade. “Todos os tipos de pesquisa (na verdade, todos os tipos de conhecimentos) são governados por diferentes tipos de suposições, conhecimento anterior, teorias, etc. Esta é abordagem mais básica e todas as outras se tornam superficiais se esta perspectiva não for incluída.
- i) estudos terminológicos: organizam palavras, textos e enunciados e um domínio de acordo com critérios semânticos e pragmáticos.
- j) estruturas e Instituições na comunicação científica: organizam os principais atores e instituições de acordo com as divisões internas do trabalho no domínio.
- k) cognição científica, especialistas do conhecimento e inteligência artificial: proporcionam modelos mentais de um domínio ou método para extração do conhecimento para produzir sistemas especialistas.

Estas abordagens são aplicáveis em comunidade discursiva, com terminologia específica.

3.3 Teoria do Conceito de Dahlberg e a Análise de Domínio

No final do último século foi proposta a teoria do conceito por Dahlberg, um dos principais fundamentos da OC. Dahlberg defende o conhecimento como objeto de estudo da área . A OC lida com o conhecimento reconhecido em quatro aspectos: os elementos do conhecimento (referem-se às características de conceitos); as unidades do conhecimento (são os conceitos representados pelos signos); amplas unidades do conhecimento (combinações de conceitos em

uma definição, em um texto); e sistemas de conhecimento (que são estruturas coerentes e planejadas de conceitos) (DAHLBERG, 2006).

Ao construir um sistema de organização do conhecimento sobre um determinado domínio, Dahlberg (1978) sugere adotar a teoria do conceito para representar e recuperar a informação de forma eficaz. Os conceitos são as unidades do conhecimento produzido por um domínio.

A definição terminológica da “Teoria do Conceito”, seria a definição analítica/conceitual, pois incorpora os três elementos do conceito, o referente, as características e o termo, a saber o oposto da definição nominal, que contempla apenas o termo e uma equivalência textual e contrário também à definição ostensiva, que incorpora apenas o referente termo. (DAHLBERG, 1978).

Segundo Dahlberg (1978, p. 102), o conceito é “como a compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto, fixada por um símbolo linguístico”. Assim, acredita-se que, quanto maior for a precisão⁶ em relação a delimitar um conceito, maiores serão as possibilidades de interação entre sistemas e usuários.

Para Hjørland,

conceitos têm sido entendidos como significados socialmente negociáveis que deveriam ser identificados a partir do estudo de discursos, em vez de acontecer por meio de estudos de usuários ou por princípios a priori. A implicação da presente visão sobre conceitos, nesse sentido, chama-nos para argumentos que envolvem tanto a questão do porquê o ponto de vista social é importante, quanto também para o papel da teoria do conceito no cumprimento das potencialidades para uma guinada social na ciência da informação (HJORLAND, 2009)

A Organização do Conhecimento produz Sistemas de Organização do Conhecimento, que são em sua essência, segundo Hjørland (2009), sistemas de conceitos organizados.

3.4 Princípios da Teoria da classificação facetada (TCF)

A análise facetada de Ranganathan é uma das estratégias para a representação de um domínio do conhecimento. Ranganathan estabeleceu cinco categorias fundamentais para o sistema de

⁶ Precisão – capacidade de evitar a recuperação de itens inúteis e o seu coeficiente é o índice empregado para expressar a relação entre os itens úteis e o total de itens recuperados.

classificação facetada: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo, conhecidas pela sigla PMEST.

Ranganathan, (1897-1972) nascido na Índia, foi um matemático, formado na Universidade de Madras e tornou-se bibliotecário. Considerado o pai da moderna teoria da classificação, “matematizou a classificação”.

A abordagem Ranganathiana introduziu três níveis nos quais os classificadores trabalham:

- a) “Plano da ideia – nível das ideias, conceitos;
- b) “Plano verbal – nível da expressão verbal dos conceitos;
- c) “Plano notacional – nível da fixação dos conceitos em formas abstratas.

Esta divisão, tornou mais claro o que pode ser considerado o objeto de classificação.

Segundo Dahlberg (1978), a segunda contribuição de Ranganathan à moderna teoria da classificação foi a sua abordagem analítico-sintética para a identificação dos assuntos.

Ranganathan propôs esquema classificatório pautado em categorias fundamentais. Segundo ele, tais categorias permitiriam classificar qualquer universo de assuntos. “As categorias fundamentais funcionam como o primeiro corte classificatório estabelecido dentro de um Universo de Assuntos.” (CAMPOS, 2001, p. 55)

As categorias fundamentais definidas por Ranganathan são: Personalidade (P), Matéria (M), Energia (E), Espaço (S) e Tempo (T), conhecidas como PMEST. Isto serviu para a representação dos assuntos, e a ordenação dos conceitos de uma disciplina em classes formais, de acordo com as categorias existentes nessa disciplina⁷.

Lancaster (1993, p. 54), definiu as categorias de Ranganathan:

“o modo mais fácil de descrever a Personalidade é como ‘a coisa em si’. Matéria é o material de que a coisa é composta. Energia é a ação realizada na ou pela coisa. Espaço é onde a ação se verifica, e Tempo é quando ela ocorre.”

⁷ Segundo Bocatto (2011), as normas ANSI/NISO Z39:19-2005; BS 8723 e ISO 25964 recomendam a aplicação da análise facetada.

Segundo Ranganathan (1967) faceta é um termo genérico usado para denotar algum componente – pode ser um assunto básico ou um isolado – de um assunto composto, tendo, ainda, a função de formar renques, termos e números.

4 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Caracteriza-se como universo da pesquisa o domínio da produção científica da pós-graduação do Nupem. Deste universo, foram selecionadas as dissertações defendidas no período de 2011 a 2017 como escopo da pesquisa. Inicialmente, pretendia-se analisar toda a produção científica do Nupem, que envolve dissertações, teses e artigos científicos. Entretanto, pela limitação do tempo da pesquisa optou-se por fazer o recorte descrito. Ao total, foram analisadas 83 dissertações (APÊNDICE A). Delimitados o domínio e as macrocategorias, utilizamos os princípios da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) para extração dos candidatos a termos e eliminação de termos não pertinentes ao escopo da proposta de uma terminologia (glossário) do domínio; e nos fundamentos da organização e representação do conhecimento, notadamente nos princípios da Teoria da Classificação Facetada.

A análise de conteúdo é uma metodologia científica desenvolvida pela pesquisadora francesa Laurence Bardin para ser aplicada principalmente às ciências sociais e humanas. Essa metodologia facilita a organização da análise de textos: livros, jornais, entrevistas, questionários, etc. O método da análise de conteúdo se divide em quatro etapas: a) organização da análise; b) codificação; c) categorização; d) inferência.

A organização da análise é a etapa de exploração do material que irá compor o escopo da pesquisa. Nessa etapa ocorre o primeiro contato do pesquisador com os textos, o que é chamado de leitura flutuante (BARDIN, 2011).

É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. Recorrendo ou não ao ordenador, trata-se de estabelecer um programa que, podendo ser flexível (quer dizer, que permita a introdução de novos procedimentos no decurso da análise), deve, no entanto, ser preciso (BARDIN, 1977, p. 95).

Essa primeira etapa, de acordo com a autora, tem três funções: “a *escolha dos documentos* a serem submetidos à análise, a formulação das *hipóteses* e dos *objetivos* e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1977, p. 95).

Estes três fatores, não se sucedem, obrigatoriamente, segundo uma ordem cronológica, embora se mantenham estreitamente ligados uns aos outros: a escolha de documentos depende dos objetivos, ou, inversamente, o objetivo só é possível em função dos documentos disponíveis; os indicadores serão construídos em função das hipóteses, ou, pelo contrário, as hipóteses serão criadas na presença de certos índices. A pré-análise tem por objetivo a

organização, embora ela própria seja composta por atividades não estruturadas, “abertas”, por oposição à exploração sistemática dos documentos (BARDIN, 1977, p. 96).

A segunda etapa, codificação, envolve a análise dos textos selecionados na etapa anterior e a criação de unidades de registro que orientem a análise do conteúdo desses textos. De acordo com Bardin (1977, p. 103),

Tratar o material é codificá-lo. A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices.

A terceira etapa, denominada categorização, consiste em classificar as unidades de registro isoladas na segunda etapa, primeiramente por diferenciação e, posteriormente, reagrupamento de acordo com critérios previamente definidos (BARDIN, 1977).

As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. O *critério* de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade, ficam agrupados na categoria “ansiedade”, enquanto que os que significam a descontração, ficam agrupados sob o título conceitual “descontração”), sintático (os verbos, os adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinônimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem).

A quarta e última etapa, que é a inferência, exige do pesquisador a exploração dos dados com certo grau de profundidade, de forma a conseguir fazer inferências qualitativas sobre o que foi coletado e organizado (BARDIN, 1977). De acordo com Bardin (1977, p. 137-138), há dois tipos de inferência: a) “inferências específicas: por exemplo, quando se procura responder à pergunta ‘será que o país A, tem intenções de atacar o país B?’” e b) “inferências gerais: por exemplo, quando se pretende saber se existe uma lei relacional tal, que o aumento do nível pulsional do locutor seja acompanhado pela simplificação e normalização das suas escolhas semânticas e estruturais”.

Trata-se de uma análise semântica do conteúdo sistematizado nas etapas anteriores para geração de conhecimentos. Nesta etapa final, o pesquisador deve apresentar, além das categoriais que criou, a análise semântica dessas categoriais e do conteúdo atribuído a elas. Essas inferências fazem parte, na maioria dos casos, dos resultados da pesquisa.

Foi elaborado um mapa conceitual utilizando o aplicativo CMAP Tools como etapa metodológica e para sua elaboração foram selecionados os termos da Faceta ESPAÇO para cada linha de pesquisa do domínio Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé. A Elaboração do Mapa Conceitual é uma técnica para lidar com a ambiguidade da interpretação de conteúdos textuais de um domínio e fazer uma representação da realidade (APÊNDICE B).

A organização da análise iniciou-se com uma leitura flutuante⁸ das teses, dissertações e artigos científicos e escolha dos documentos a serem efetivamente analisados, ou seja, as dissertações. Posteriormente, iniciou-se a leitura dos resumos e palavras-chave de cada documento selecionado para extração dos candidatos a termos. A esta etapa atribui-se o nome de codificação, que, de acordo com Bardin (2011), consiste em analisar o texto e extrair fragmentos representativos do conteúdo. Neste caso, foram identificados e extraídos 711 termos que representam o conteúdo das pesquisas apresentadas nas dissertações. Para isso, foi desenvolvida uma planilha no Microsoft Office Excel para organizar a extração manual dos termos.

Um novo banco de dados em planilha excel foi gerado, detalhando os atributos para a descrição das dissertações, incluindo o campo lexical e semântico das mesmas, com a identificação das palavras-chaves de cada uma delas. O quadro abaixo detalha o tratamento dado às dissertações:

Quadro 2 – Identificação de atributos para tratamento das informações das dissertações do Nupem

DATA	AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR	PALAVRAS-CHAVES	LINHA DE PESQUISA
2017	Lima, G. da S. P.	Monumento natural dos costões rochosos, macroalgas e sociedade: associações entre atores humanos e não-humanos.	Gestinari, L. M. de S.	1. macroalgas. 2. Teoria ator-rede. 3. monumento natural dos costões rochosos.	Biodiversidade Estrutura e Reconhecimento
2015	Beraldi, G. Q. F.	Distribuição de metais em compartimentos bióticos e abióticos na lagoa de Imboassica (Macaé, RJ)	Molisani, M. M.	1. Geoquímica 2. Metais 3. Lagoa Imboassica	Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental

Fonte: compilação da autora

⁸ Contato inicial do pesquisador com os documentos que serão o objeto de análise (BARDIN, 2011).

Foram identificados 711 termos de 83 dissertações, desenvolvidas no período de 2012 a 2017, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação (PPG-CiAC), ligado ao Nupem.

A primeira etapa consistiu em identificar o domínio da produção científica do Nupem, tomando como fundamentação glossários, dicionários, livros, artigos científicos, legislação ambiental e outras fontes de informação verificadas e/ou produzidas por especialistas. A partir desta análise, foi possível identificar os termos que não fazem parte do escopo do glossário, categorizados da seguinte forma: elementos químicos, nomes científicos de espécies (nomes de qualquer ordem taxonômica), nomes de locais e métodos estatísticos e de análise de dados. Ao final, foram selecionados 289 termos válidos para compor o glossário.

Após a seleção dos termos, iniciou-se o trabalho de definição terminológica com base na norma ISO 704/2009 (INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION, 2009), que é a aplicação da Teoria do Conceito, conforme o quadro abaixo.

Quadro 3 – Ficha terminológica

CONCEITO DE FLORESTA (DOMÍNIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO PPG-CIAC)	
Conceito	Região dominada por grande quantidade de árvores e sub-bosque.
Designação/ termo	Floresta
Veja também (termos relacionados):	Floresta Nacional; Saracá-Taquera; Floresta Nacional de Carajás.
Variação terminológica (relação de equivalência)	Mata
Categoria	Faceta espaço

Fonte: baseado em 704 International Organization for Standardization (2009).

Baseando na ISO 704 de construção de trabalho terminográfico, procedeu-se à identificação dos relacionamentos entre os termos que compunham o domínio de Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental, como também a sua categorização em grandes facetas. Nesta etapa, a categorização atendeu aos princípios da análise facetada de Ranganathan que estabeleceu cinco categorias fundamentais para o sistema de classificação facetada: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo, conhecidas pela sigla PMEST. Concluída a etapa de definição dos termos, iniciou-se a fase de ordenação do glossário. A estrutura tradicional de um glossário apresenta ordenação alfabética dos termos, porém decidiu-se desenvolver uma estrutura facetada para o glossário resultante desta pesquisa conforme pode

ser visto no quadro 4 que é a adaptação da análise facetada por meio do PMEST para fins de representação do domínio escolhido:

Quadro 4 – Categorias para modelagem do domínio

CATEGORIA	DEFINIÇÃO
Personalidade	Fenômeno (acontecimento observável, particularmente algo especial)
Matéria	Materiais (matéria-prima substância, elemento, massa, equipamentos, medidas)
Energia	Processo(energia) (ação de avançar, ir para frente e é um conjunto sequencial e particular de ações com objetivo comum)
Espaço	(todo o espaço físico -terrestre, aquático- e atmosfera tornado habitat no qual desenvolvem-se as atividades vitais dos organismos e populações (nicho). Ambientes terrestres que apresentam um tipo característico de vegetação, determinado principalmente por fatores climáticos. Unidades de Conservação)
Tempo	Tempo (sequencia temporal)

Fonte: elaborado pela autor, 2019.

Partindo dos princípios da análise facetada, foram criadas as seguintes facetas para o glossário: espaço, fenômeno, tempo, processo, materiais, propriedade e entidade. Posteriormente, todos os termos foram rearranjados na estrutura do glossário conforme as facetas e, dentro de cada faceta, foram ordenados alfabeticamente. Cada faceta possui uma quantidade de termos: espaço 83 termos; fenômeno 10 termos; tempo 3 termos; processo 53 termos; materiais 43 termos; propriedade 24 termos; entidade 73 termos.

Foi criado um sistema de remissivas que consiste na linha de pesquisa do estudo no qual o termo foi encontrado; as relações de equivalência, indicadas por Ver; os relacionamentos hierárquicos indicados pela categoria ou faceta pertencente, e os relacionamentos associativos indicados por Veja também, conforme exposto no Quadro 5, elaborado no Microsoft Office Word com três colunas para facilitar a organização dos verbetes. A organização do quadro em três colunas facilitou a construção do glossário, pois a definição do termo é apresentada de forma contextualizada no domínio representado com a fonte da qual foi extraído o verbete. Isso evitou a perda de referências, uma vez que, definido o termo, a referência correspondente foi imediatamente inserida.

Quadro 5 – Quadro de definições

TERMO	DEFINIÇÃO	FONTE CONSULTADA
Floresta	Região dominada por grande quantidade de árvores e sub-bosque. Linha de pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental. Faceta: espaço. Veja também: <i>Floresta Nacional; Saracá-Taquera; Floresta Nacional de Carajás.</i>	SILVA, P. P. L. et al. <i>Dicionário brasileiro de ciências ambientais</i> . 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.
Mata	<i>Ver floresta.</i>	

Fonte: compilação da autora, 2019.

As fontes consultadas para ajudar na construção dos verbetes são produzidas por especialistas das ciências ambientais ou áreas relacionadas. No entanto, o glossário reflete o contexto em que os verbetes são utilizados pela produção científica do Nupem. A fidedignidade das fontes consultadas é um fator imprescindível para a construção de um glossário confiável e de qualidade. Para localizar essas fontes, foram realizadas buscas no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Todas as fontes consultadas foram devidamente referenciadas conforme a NBR 6023 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002).

A etapa final consistiu em preparar a apresentação do glossário: diagramação do conteúdo, layout de capa e formatação conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). O glossário finalizado pode ser consultado na parte pós-textual desta dissertação (APÊNDICE C).

Em síntese, as etapas da metodologia aplicada para a construção do glossário podem ser representadas conforme o esquema apresentado no Quadro 6.

Quadro 6 – Etapas da metodologia

ETAPA	FUNÇÃO
Etapa 1	Sistematização da produção científica do PPG-CiAC no período de 2012 a 2017 e categorizada por dissertação, tese e artigos
Etapa 2	Identificação dos termos da produção do PPG-CiAC
Etapa 3	Identificação dos termos por linha de pesquisa
Etapa 4	Definição dos termos identificados na produção do PPG-CiAC
Etapa 5	Categorização dos termos da produção científica por facetas de Ranganathan (PMEST)
Etapa 6	Validação dos termos com a literatura especializada
Etapa 7	Diagramação e edição do glossário

Fonte: compilação da autora, 2019.

5 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, organizou-se e representou-se a produção científica do Nupem, por meio da Análise de Domínio, posteriormente gerou-se um glossário como um sistema de organização do conhecimento. O glossário, que está como Apêndice C deste relatório, permite representar o domínio de Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental, buscando extrair seus termos representativos, seguido de composição dos relacionamentos entre as classes conceituais, monitorando semelhanças, diferenças, associações adequadas e determinar suas características dentro do domínio. É um instrumento que poderá auxiliar a comunidade científica em suas pesquisas no Repositório Institucional Pantheon (RIP) no campo assunto, potencializar a visibilidade, a preservação da produção científica, cultural e artística da UFRJ. Disponibilizar, ampliar e facilitar o acesso de uma forma geral. Auxiliará também a comunidade acadêmica em depósito de artigos de sua autoria ou coautoria, preferencialmente, em publicações periódicas científicas de acesso livre. O RIP tem a capacidade de interoperabilidade⁹ com sistemas nacionais e internacionais, observando-se o uso de padrões e protocolos de integração, em especial aqueles definidos no modelo Arquivos Abertos (Open Archives).

⁹ A capacidade de um sistema de hardware ou de software de se comunicar e trabalhar efetivamente no intercâmbio de dados com um outro sistema, geralmente de tipo diferente, projetado e produzido por um fornecedor diferente.” (INTEROPERABILIDADE, 2015, *online*).

Quadro 7 – Exemplos do glossário facetado

Termo	40 Floresta
Definição	Região dominada por grande quantidade de árvores e sub-bosque.
Linha de pesquisa	Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.
Fonte	SILVA, P. P. L. et al. Dicionário brasileiro de ciências ambientais. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 1999. Veja também: Floresta Nacional Saracá-Taquera; Floresta Nacional de Carajás, igapó. Faceta Espaço; serapilheira. Faceta Materiais.
Termo	41 Floresta Nacional Saracá-Taquera (PA)
Definição	A Floresta Nacional (Flona) de Saracá-Taquera, situada no noroeste do estado do Pará, possui 441.152 hectares. Localiza-se entre os municípios de Terra Santa, Oriximiná e Faro, na fronteira com o estado do Amazonas. A Flona foi criada em dezembro de 1989 é adjacente à Reserva Biológica do Rio Trombetas.
Linha de pesquisa	Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.
Fonte	SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO. Floresta Nacional de Saracá-Taquera (PA). Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2018. Disponível em: < http://www.florestal.gov.br/florestas-sob-concessao/92-concessoes-florestais/florestassob-concessao/102-floresta-nacional-de-saraca-taquera-pa >. Acesso em: 12 nov. 2018. Veja também: floresta, unidade de conservação. Faceta Espaço.
Termo	42 Floresta Nacional de Carajás
Definição	A Floresta Nacional de Carajás apresenta múltiplos interesses: ambiental, extrativismo vegetal e mineral. A unidade foi criada por meio de Decreto em 02 de fevereiro de 1998 com uma área total de aproximadamente 400 mil hectares abrangendo os municípios de Parauapebas, Canaã dos Carajás, Água Azul do Norte.
Linha de pesquisa	Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.
Fonte	ICMBIO. Floresta Nacional de Carajás. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: < http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-avisitacao/4061-floresta-nacional-de-carajas >. Acesso em: 12 nov. 2018.

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

REFERÊNCIAS

- ARANGO, G. Domain Analysis Methods, In: *WORKSHOP ON SOFTWARE ARCHITECTURE*, 1994, Los Angeles. *Anais...* Los Angeles: USC Center for Software Engineering, 1994.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2002. 22 p.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011. 225 p.
- BRANDÃO, Dolores Castorino. Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ: do raro ao virtual. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. 120 p.
- BRÄSCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In: *ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 9., [São Paulo], 2008. *Anais...* São Paulo: Ancib, 2008. Disponível em: <[https://skat.ihmc.us/rid=1KR7TM7S9-S3HDKP-5STP/BRASCHER%20CAF%C3%89\(2008\)-1835.pdf](https://skat.ihmc.us/rid=1KR7TM7S9-S3HDKP-5STP/BRASCHER%20CAF%C3%89(2008)-1835.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- CAFÉ, L.; BRÄSCHER, M. Organização do conhecimento: teorias semânticas como base para estudo e representação de conceitos. *Informação & Informação*, Londrina, v. 16., n.3., p. 25-51, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10388/9282>>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- CAFÉ, Lígia; BRÄSCHER, Marisa. Organização do Conhecimento: teorias semânticas como base para estudo e representação de conceitos. *Informação & Informação*, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 25-51, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10388/9282>>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. *Linguagem documentária: teorias que fundamentam sua elaboração*. Rio de Janeiro: Ed. da Universidade Federal Fluminense, 2001. p.27-58.
- CAMPOS, M.L. de A ; CAMPOS, M.L.M. Princípios para a modelização de domínios de conhecimento: estudo comparativo entre abordagens da ciência da informação, ciência da computação e teoria da terminologia. In: *ISKO Espanha 2003*. Salamanca: Ed.Univ.Salamanca,2003. p. 135-144
- DAHLBERG, I. Knowledge organization: A new science? *Knowledge Organization*, [S.l.], v. 33, n.1, p. 11-19, 2005.
- DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scope and possibilities. *Knowledge Organization*, v. 20, n .4, p. 211-222, 1993.

DAHLBERG, I. Teoria da classificação, ontem e hoje. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, Rio de Janeiro, 1976. *Anais...* Brasília, DF: IBICT/ABDF, 1979. v. 1, p. 352-370. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bitidahlbergteoria/dahlberg_teoriam.htm>. Acesso em: 14 abr. 2019.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 7, n. 2, 1978.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. Tradução Astério Tavares Campos. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, jul./dez. 1978.

DANUELLO, J. C. *Produção científica docente em tratamento temático da informação no Brasil: uma abordagem métrica como subsídio para a análise do domínio*. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

DIAS, C. A. Terminologia: conceitos e aplicações. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 29, n. 1, p. 90-92, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a9>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

FERREIRA, M. A representação da Informação e o Paradigma do Uso: o caso da disciplina Desenvolvimento de Coleções no contexto da EAD. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 326-334, maio 2013. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/viewFile/3396/2985>>. Acesso em: 8 nov. 2018.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science. Eleven approaches - traditional as well as innovative. *Journal of Documentation*, v. 58, n. 4, 2002.

HJØRLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. *Knowledge Organization*, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

HJØRLAND, B. Semantics and knowledge organization. *Annual review of information science and technology*, [S.l.], v. 41, n. 1, p. 367-405, 2007.

HJØRLAND, B. Core classification theory: a reply to Szostak. *Journal of Documentation*, v. 64, n. 3, p. 333-342, 2008.

HJØRLAND, B. Concept theory. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 60, n. 8, p. 1519-1536, 2009.

HODGE, G. *Systems of Knowledge Organization for Digital Libraries: beyond traditional authorities files*. Washington, DC, the Council on Library and Information Resources. 2000.

INSTITUTO DE BIODIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE. Apresentação. Histórico. *Concebendo o sonho*. Rio de Janeiro: UFRJ, [2018]. Disponível em: <<http://www.macaueufrj.br/nupem/index.php/apresentacao/historico>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

INSTITUTO DE BIODIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolvido por TIC/UFRJ. Disponível em: <<http://www.macaueufrj.br/nupem/>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. *ISO 704/2009*: Terminology work: Principles and methods. Geneve, 2009.

INTEROPERABILIDADE. In: *Glossário*. [S.l.]: Biblio nas Nuvens, 2015. Disponível em: <http://biblionasnuvens.blogspot.com/2015/04/glossario_28.html>. Acesso em: 16 abr. 2019.

LAVE, J.; WENGER, E. *Situated learning*: legitimate peripheral participation. New York, NY: Cambridge University Press, 1991. (Learning in doing: social, cognitive, and computational perspectives) apud MORAES, M. G. Operacionalizando a Análise de Domínio da produção científica da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro por meio do conceito de Comunidade de Prática. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA IBERO-AMÉRICA E CARIBE, 10., 2016, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2016. Não paginado.

MORAES, M. G. . Operacionalizando a análise de domínio da produção científica da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro por meio do conceito de comunidade de prática. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA IBEROAMÉRICA E CARIBE, 10, 2016, Belo Horizonte. *Anais ...*Belo Horizonte: UFMG, 2016. Não paginado.

NOVELLINO, M. S. F. A linguagem como meio de representação ou de comunicação da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 137-146, jul./dez. 1998. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/602/371>>. Acesso em: 8 nov. 2018.

PIEIDADE, M. A. R. *Introdução à teoria da classificação*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. 221 p.

SIBI. Órgão suplementar do Fórum de Ciência e Cultura (FCC), é gerenciador das 45 bibliotecas da UFRJ e tem por objetivo principal a interação de suas bibliotecas com a política educacional e administrativa da UFRJ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj.br/>>. Acesso em: 13 abril 2019.

SMIRAGLIA, R.P. Domain coherence within knowledge organization: people, interacting theoretically, across geopolitical and cultural boundaries. In: CANADIAN INFORMATION SCIENTISTS CONFERENCE, 39., Fredericton. *Electronic proceedings...* Fredericton: Thomas University, 2011. p. 1-6. Disponível em: <<https://journals.library.ualberta.ca/ojs/cais-asci.ca/index.php/cais-asci/article/view/601/551>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

SOUZA FILHO, Maria das Graças Freitas. *Fatores intervenientes na absorção da tecnologia da informação em seus aspectos e componentes de automação de bibliotecas*: a padronização e a normalização do tratamento técnico. 1992. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

SOWA, J. F. *Conceptual Structures*: Information Processing in Mind and Machine. New York: Adisson-Wesley Publishing, 1984.

TEIXEIRA, Robson da Silva. *Interoperabilidade entre recursos de informação disponíveis no instituto de física da universidade federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*. 2011. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Informação Científica e Tecnológica) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Portaria nº 2809, de 02 de outubro de 2002. *Boletim [da UFRJ]*, Rio de Janeiro, n. 21, 23 out. 2002.

WENGER, E. C.; SNYDER, W. M. Comunidades de prática: a fronteira organizacional. In: HARVARD BUSINESS REVIEW (Org.). *Aprendizagem organizacional*. Tradução Cássia Maria Nasser. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998. 318 p. (Learning in doing).

WENGER, E.; MCDERMOTT, R. A.; SNYDER, W. *Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge*. Boston, MA: Harvard Business School Press, 2002. 284 p.

APÊNDICE A – DISSERTAÇÕES ANALISADAS

	DATA	AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR
1.	2017	Alvarenga, A. da S. de	Avaliação do programa de controle do culicídeo vetor (<i>Aedes aegypti</i> Linnaeus, 1762) no município de Macaé.	Fonseca, R. N. da
2.	2017	Pinto, A. F.	Interação Beija-flores e bromélias de uma formação aberta de restinga.	Martins, R. L.
3.	2017	Patiu, F. de M.	Biologia reprodutiva de <i>Thamnophilus ambiguus</i> Swainson, 1825 (Aves: Thamnophilidae).	Gonçalves, P. R.
4.	2017	Rocha, D. P. P. DA	Estudo dos discursos e das práticas de conservação ambiental em relação à coleta seletiva de lixo em Macaé/RJ.	Camargo, G. A.
5.	2017	Cruz, F. A. G.	Estudo metodológico para a identificação visual de tributilestano (TBT) em matrizes de tintas antiincrustantes.	Limaverde Filho, A. M.
6.	2017	Oliveira, F. A. DE	O papel do fator de transcrição zelda na metamorfose do besouro <i>Tribolium castaneum</i>	Fonseca, R. N. da
7.	2017	Pasini, F. dos S.	A Agricultura sintrópica de Ernst Gotsch: história, fundamentos e seu nicho no universo da agricultura sustentável.	Scarano, F. R.
8.	2017	Lima, G. da S. P.	Monumento natural dos costões rochosos, macroalgas e sociedade: associações entre atores humanos e não-humanos.	Gestinari, L. M. de S.
9.	2017	Moreno, J. M. G.	Estudos genotóxicos em Perna Perna (Mollusca, Bivalvia) como indicadores da qualidade ambiental e sua importância na malacocultura.	Conceição, L. I. W. da
10.	2017	Corrêa, L. C. D.	Efeitos do impacto ambiental sobre a diversidade taxonômica e funcional de macroinvertebrados aquáticos em áreas de mineração na floresta nacional SARACÁ-TAQUERA, PA (BRASIL)	Suhett, A. L.
11.	2017	Guimarães, L. G.	Mudanças no uso e cobertura da terra da bacia hidrográfica do Rio Macaé.	Esteves, F. de A.

DATA	AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR
12. 2017	Dudus, M.M.	Efeitos toxicológicos da cantaxantina sobre a prole de camundongas consumidoras de truta salmonada	Almeida, K.C.L. de
13. 2017	Vogelbacher, O. de M.	Efeito do biorrevolvimento de <i>Campsurus</i> sp. Eaton, 1868 (Ephemeroptera: Polymitarcyidae) sobre a densidade total bacteriana e de metanotróficas na interface sedimento-água.	Barros, M. P. F. de
14. 2017	Benac, R. dos S. M.	Diálogo de saberes sobre o tema mudanças climáticas: uma proposta de interação entre docentes em ciências e pesquisadores em ecologia na perspectiva da educação ambiental.	Santos, L. M. F. dos
15. 2017	Magalhães, S. F.C.de	Avaliação dos fatores que influenciam na dinâmica de nutrientes, material particulado e vazão em pequenas bacias hidrográficas.	Molisani, M. M.
16. 2017	Ferrão, V. A.O. S.	Os espaços museológicos e as possíveis mediações entre os saberes sobre a diversidade biológica.	Corrêa, A.F.
17. 2016	Bauer, A. de B.	Diversidade de peixes (elasmobranchii e teleostei) do arquipélago de santana, rj, brasil	Di Dario, F.
18. 2016	Alves, A. J.	Estudo da variação do padrão de pigmentação no olho composto de <i>atlantorchoidea brasiliensis</i> (crustácea, amphipoda) (dana, 1853)	Conceição, L. I. W. da
19. 2016	Mendonça, F. D.	Helmintofauna e avaliação do potencial zoonótico de helmintos parasitos de peixes comercializados em macaé – rio de janeiro	Oliveira, A. M. de
20. 2016	Silva, G. D. F. Da	Composição florística e análise estrutural de um remanescente florestal na estação experimental da pesagro de macaé, macaé – rj.	Konno, T. U. P.
21. 2016	Barroso, G. C.	Dinâmica da água, material particulado em suspensão e hidroquímica em dois estuários de pequeno porte no norte fluminense	Molisani, M. M.

DATA	AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR
22. 2016	Viana, L. F.	Recursos polínicos utilizados por abelhas e fenologia floral de plantas associadas em um cordão arenoso de restinga	Konno, T. U. P.
23. 2016	Miranda, L. G. De	Avaliação dos impactos da urbanização sobre as comunidades de macroalgas marinhas bentônicas em três costões rochosos da região do norte fluminense-rj, brasil	Gestinari, L. M. de S.
24. 2016	Ferreira, M. V. R.	Conflitos ambientais judicializados no estado do rio de janeiro: estudo dos agentes, motivos determinantes, características e relações de poder, a partir das ações civis públicas ambientais (2008 a 2014).	Leal, G. F.
25. 2016	Criado, M. V.	Análise crítica dos discursos sobre conservação, preservação e sustentabilidade no ocidente e o antiplatonismo de nietzsche	Camargo, G. A.
26. 2016	Xavier, M. S.	Mamíferos terrestres de médio e grande porte do parque nacional da restinga de jurubatiba: riqueza de espécies e vulnerabilidade local	Gonçalves, P. R.
27. 2016	Horta, M. C.	Análise crítica de um programa de educação socioambiental: estudo de caso do programa eco cidadão (município de campos dos Goytacazes – rio de janeiro – brasil)	Leal, G. F.
28. 2016	Cunha, N. F. Da	Um olhar sobre a coleta seletiva: estudo da implementação da política nacional de resíduos sólidos no município de rio das ostras/rj	Bozelli, R. L.
29. 2016	Beraldini, N. G.	Resposta do anfípode quadrivalado luzi (crustácea, maeridae) ao estresse osmótico em condições experimentais	Conceição, L. I. W. da
30. 2016	Ferreira, R. de M.	Utilização das macrófitas aquáticas salvinia sp e pistia stratiotes para o tratamento alternativo de efluentes contaminados por metais	Stapelfeldt, D. M. A.

DATA	AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR
31. 2016	Sousa, R. T. S. de	Agricultura familiar e áreas de preservação permanente na percepção de agricultores em um trecho da bacia hidrográfica do rio macaé	Martins , R. L.
32. 2015	Silva, C. O. A..	Roedores, Marsupiais e Quirópteros Silvestres do Parque Natural Municipal Fazenda Atalaia, Macaé, RJ: taxonomia e níveis de endemismo como subsídios à Conservação.	Gonçalves , P. R.
33. 2015	Almada, D. dos S.	Pequenos mamíferos da Área de Relevante Interesse Ecológico de Itapebussus, Rio das Ostras	Gonçalves , P. R.
34. 2015	Calleja, D. L.	Pescadores Artesanais de Macaé: Perfil Socioeconômico e Subsídios para a Certificação da Pesca	Caramaschi, É. P.
35. 2015	D' Elia, D. S.	Distribuição Espaço-Temporal e Estrutura Trófica de Polychaeta em Substrato Inconsolidado, Baía de Sepetiba, RJ.	Ruta., C.
36. 2015	Bau, E. P. de L.	A Pesca artesanal em Macaé: Uma abordagem etnoictiológica como subsídio para o manejo de cianídeos	Azevedo, A. de
37. 2015	Beraldi, G. Q. F.	Distribuição de metais em compartimentos bióticos e abióticos na lagoa de Imboassica (Macaé, RJ)	Molisani, M. M.
38. 2015	Souza, H. de O.	O modelo animal <i>Quadrivisio aff. lutzi</i> (Crustácea, Gammaridea): estudo da tolerância a variações ambientais (Salinidade e Temperatura) e contribuição na padronização de bioensaios	Conceição, L. I. W. da
39. 2015	Halla, J. L.	A Forma Unidade de Conservação e o Processo De Judicialização dos Usos dos Recursos Naturais no Sana, Macaé-Rio De Janeiro	Couceiro, L. A. A.
40. 2015	Höelz, J. S. F.	Educação ambiental no contexto escolar: uma análise do olhar docente	Camargo, G. A.
41. 2015	Penha, L. N.	Dinâmica da matéria orgânica no sedimento de um lago amazônico impactado por rejeito de bauxita (lago Batata - Porto Trombetas, PA) e sua importância para o processo de restauração	Esteves, F. de A.

DATA	AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR
42. 2015	Brito, L. S. da	Avaliação do aporte e decomposição da serapilheira e lixiviação de nutrientes em uma restinga do Norte Fluminense	Martins, R. L.
43. 2015	Huguet-Marques, M. C.	<i>Typha domingensis</i> Pers. (Typhaceae): do artesanato à fitorremediação de ambientes aquáticos continentais eutrofizados	Barros, M. P. F. de
44. 2015	Pereira, M. M. de S.	Diversidade e distribuição geográfica das espécies de Alepocephaloidei (Teleostei: Argentiniformes) na Zona Econômica Exclusiva do Brasil	Mincarone, M.M.
45. 2015	Rodriguez, N. C.L.	Fecundidade de <i>Jenynsia multidentata</i> (Cyprinodontiformes: Anablepidae): Explorando o investimento materno em múltiplas escalas	Petry, A.C.
46. 2015	Ribeiro, R. P.	Diversidade morfológica e molecular de Polychaeta o Arquipélago de São Pedro e São Paulo	Ruta., C.
47. 2015	Silva, R. N. da	Avaliação da morfologia e expressão gênica de biomarcadores durante o desenvolvimento embrionário de <i>Danio rerio</i> (Teleostei, Cyprinidae) sob efeito de substâncias tóxicas ou bioativas de águas poluídas	Feitosa , N. M.
48. 2015	Sousa, T. M. de.	Comunidade Fitoplanctônica de Lagoas de Altitude na Amazônia	Esteves, F. de A.
49. 2015	Vieira, T. W. de M.	Novo desenvolvimentismo e conflitos ambientais: o Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro e os pescadores artesanais da Baía de Guanabara	Leal, G. F.
50. 2014	Leitão, A. dos S.	Taxonomia, Estrutura Populacional e Distribuição Espaço-Temporal de Polychaeta na Lagoa Visguevo do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, RJ, Brasil.	Ruta., C.

DATA	AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR
51. 2014	Araujo, A. C. de.	Influência de fatores ambientais e genéticos na Assimetria Flutuante de populações de <i>Nectomys squamipes</i> (Rodentia: Sigmodontinae) do Estado do Rio de Janeiro	Gonçalves , P. R.
52. 2014	Barbosa, Aline da Cruz	Sistemática, Distribuição e Biologia do Desenvolvimento de Nereidiformia (Phyllococida: Polychaeta), com ênfase em Pilargidae e Nereididae, Bacia de Campos, Brasil	Ruta., C.
53. 2014	Di Dario , B. P. S.	Ocorrência e sazonalidade da baleia-de-bryde <i>balaenoptera edeniandersoni</i> , 1879 (cetacea, mysticeti): contribuições para a conservação no estado do rio de janeiro	Petry, A.C.
54. 2014	Felice, B. C.	Dinâmica de metacomunidades de peixes em ecossistemas costeiros: uma abordagem com lagoas e poças do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba	Petry, A.C.
55. 2014	Santa Ana, C. A. R. de	O lugar como aquarela de natureza e cultura: a topoafetividade dos pescadores da boca da barra, em rio das ostras, rj.	Camargo, G. A.
56. 2014	Steagall, E. D. R.	A Degradação da Lagoa Imboassica e os royalties no município de Macaé	Bozelli , R. L.
57. 2014	Dias, F. Da C.	Subsídios para a conservação e gestão de impactos ambientais por óleo no parque municipal do arquipélago de santana, macaé, rj	Mincarone, M. M.
58. 2014	Ostapiv, F. N.	Petrobrás: resultados da gestão ambiental, a partir de análise temporal dos relatórios de sustentabilidade	Leal , G. F.
59. 2014	Cabral, G. L. L.	Efeitos de eventos climáticos globais, regionais e antrópicos sobre a taxocenose de peixes de um lago amazônico	Caramanchel, É. P.
60. 2014	Azevedo, H. S. de	Análise organizacional, social e ambiental da incorporação da aquicultura familiar nas atividades dos pescadores do município de Armação dos Búzios – RJ	Azevedo, A. de

DATA	AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR
61. 2014	Santiago, I. U.	Avaliação da ocorrência de hidrocarbonetos e metais pesados em mexilhões (<i>Perna perna</i> , Linnaeus 1758) na região litoral de Macaé	Limaverde Filho, A. M.
62. 2014	Rosa, L.M.V.	Inspirações e aspirações do marizá epicentro (tucano, ba): as contribuições de uma ecovila no panorama socioambiental brasileiro	Zanetti, G. D.
63. 2014	Castro, L. C. do A. da S.	Descrição e análise comparativa pós -craniana de <i>campinasuchus dinizi</i> (crocodyliformes, <i>baurusuchidae</i>) da bacia bauru (cretáceo superior, minas gerais, brasil)	Di Dario, F.
64. 2014	Silva , L. L. R. da	Emprego da biomassa seca e moída da <i>Eichhornia azurea</i> na remoção de íons metálicos em meio aquoso.	Schultz , M. S.
65. 2014	Bevilacqua, M. S.	Oligochaeta em riachos (Igarapés) da Floresta Nacional Saracá-Taquera (PA): Abundância, Riqueza, Diversidade e potencial como indicador de impacto antrópico	Esteves, F. de A.
66. 2014	Oliveira, N. M.	Sorção de corantes em biomassa seca das Macrófitas Aquáticas <i>Salvinia</i> sp. e <i>Pistia stratiotes</i>	Stapelfeldt, D. M. A.
67. 2014	Vieira, P. do N.	Resposta ao estresse oxidativo na exposição ao petróleo: escolha de um gene de referência e análise da expressão do gene da catalase no anfípode <i>quadrivisio aff. lutzi</i> (crustácea, <i>gammaridea</i>)	Conceição, L. I. W. da
68. 2014	Rodrigues, R.F.C.	Variação dos Caracteres Estruturais, Anatômicos e Fisiológicos da Folha de <i>Clusia hilariana</i> Schltdl. (<i>Clusiaceae</i>) Em função da Sazonalidade	Duarte, H. M.
69. 2014	Felix, R. W.	Fluxos de Metano e Dióxido de Carbono Em Lagoas Costeiras Húmicas: Uma Abordagem Espaço-Temporal	Barros, M. P. F. de
70. 2014	Santos, V. L. M. dos	Biologia reprodutiva e transição sexual do robalo-peva (<i>Centropomus parallelus</i>): aspectos relevantes para a conservação da espécie	Azevedo, A. de

DATA	AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR
71. 2013	Forte, B. V. G.	Sucessão secundária na formação arbustiva aberta de <i>Clusia</i> , restinga de jurubatiba, Carapebus, rj.	Martins, R. L.
72. 2013	Clezar, C.	Evolução das populações brasileiras do mexilhão perna perna (mollusca: mytilidae)	Conceição, L. I. W. da
73. 2013	Rossi, D. F.	Efeito do biorrevolvimento por <i>Heleobia australis</i> (d'Orbigny, 1835) (Gastropoda) e <i>Laonereis culveri</i> (Webster, 1880) (Polychaeta) sobre os fluxos de carbono inorgânico nas interfaces sedimento-água-atmosfera	Barros, M. P. F. de
74. 2013	Silva, E. R. da.	Dinâmica Populacional do Camarão Sete-Barbas <i>Xiphopenaeus kroyeri</i> (Heller, 1862) (Decapoda: Penaeoidea) no Litoral de Macaé- RJ	Azevedo, A.
75. 2013	Gonçalves, F. de A.	Efeito do biorrevolvimento por macroinvertebrados bentônicos sobre a concentração de metano (CH ₄) nas interfaces sedimento – água – atmosfera.	Barros, M. P. F. de
76. 2013	Barbosa, F. L.	Estruturas promotoras de Educação Ambiental para Gestão Ambiental Pública: contribuições a partir dos polos do Projeto Pólen	Bozelli, R. L.
77. 2013	Maia, G. dos S..	Uma investigação da abordagem sobre mudanças climáticas em uma escola em Macaé-RJ	Bozelli, R. L.
78. 2013	Berenger, J. N.	Utilização de biomarcadores bioquímicos em <i>Genidens genidens</i> para avaliação do grau de contaminação por derivados do petróleo no estuário do rio Macaé	Molisani, M. M.
79. 2013	Belarmino, M. G.	O sequestro de carbono por rametes <i>Typha domingensis</i> Pers. (Typhaceae) no contexto de adaptação e mitigação das mudanças climáticas	Barros, M. P. F. de
80. 2013	Machado, N. C.	Aspectos fenológicos de espécies arbóreas e arbustivas em formações vegetacionais abertas no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba	Konno, T. U. P.

DATA	AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR
81. 2013	Fuentes, N. M. M.	Territórios, Saberes e Imagens: Um Estudo sobre a Percepção da População do Entorno sobre o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, Rio de Janeiro, Brasil	Ruta, C.
82. 2013	Catelani, P. A.	A influência do gradiente ambiental do estuário do rio Macaé, RJ, na composição daictiofauna: uma abordagem das guildas ecológicas	Petry, A.C.
83. 2012	Carneiro, N. P. N.	Efeito da Radiação UV-B na Química Defensiva da Macrófita Aquática Nymphoides Indica	Soraes, A. R.

Ana Lúcia da Cunha Dias Pellegrino

The cover art features a vibrant green leaf with detailed vein patterns on the right side, and a portion of the Earth showing landmasses and oceans on the left. The background is black, making the green and blue elements stand out.

Glossário de Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé

APRESENTAÇÃO

Este glossário foi construído sobre o domínio: ecologia e desenvolvimento sócio ambiental de Macaé, com base na produção científica do Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé (NUPEM). O NUPEM é um núcleo multidisciplinar (reúne grupos de pesquisa que estudam várias disciplinas) de pesquisas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Historicamente associado ao Instituto de Biologia, a produção científica do NUPEM é capaz de integrar conceitos e métodos oriundos de diversas disciplinas da Biologia, Química, Bioquímica e Geologia na análise de questões ambientais.

Este glossário arrola termos selecionados da produção científica do NUPEM, das dissertações de mestrado do curso de pós-graduação em Ciências Ambientais e Conservação, defendidas entre os anos de 2012 e 2017. A estrutura do glossário está dividida em sete facetas: Espaço; Fenômeno; Tempo; Processo; Materiais, métodos e técnicas; Propriedade; e Entidade. As facetas foram definidas com base nos princípios da classificação facetada, apresentada por Ranganathan.

Os termos estão enumerados em ordem crescente e ordenados alfabeticamente dentro de cada faceta, sendo que cada um apresenta um nome, uma definição, a linha de pesquisa do PPGCIAC de onde o termo é proveniente, e uma ou mais remissivas. Há dois tipos de remissiva: *ver* e *veja também*. A remissiva *ver* indica a relação de sinonímia entre os termos e indica o termo preferido no glossário. A remissiva *veja também* pode possuir vários significados: pode apontar relação hierárquica entre termos, relações de proximidade, antônimos ou simplesmente apontar que há alguma relação de significado entre um termo e outro.

Espaço (todo o espaço físico -terrestre, aquático- e atmosfera tornado habitat no qual desenvolvem-se as atividades vitais dos organismos e populações (nicho). Ambientes terrestres que apresentam um tipo característico de vegetação, determinado principalmente por fatores climáticos. Unidades de Conservação)

1 Ambiente

Espaço que reúne o conjunto de comunidades associadas a um ambiente físico aberto. Ambiente em que há troca de energia entre o meio e seus habitantes. Pode ser ambiente aeróbico, ambiente aquático, ambiente oligotrófico, ambiente eutrofizado, ambiente hipereutrofizado; arquipélago; bacia; baía; costão arenoso, costão rochoso, etc.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 1999.

Ver também: ambiente aeróbico, ambiente aquático, ambiente terrestre, ambiente oligotrófico; ambiente eutrófico; ambiente hipereutrófico; arquipélago; bacia; baía; costão arenoso, costão rochoso. Faceta espaço. Meio Ambiente. Faceta Entidade.

2 Ambiente aeróbico

Ambiente no qual há oxigênio respirável sob a forma de O₂.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: ambiente. Faceta Espaço.

3 Ambiente aquático

É aquele que cerca ou envolve os seres vivos que vivem na água ou sobre ela.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO (Paraná). Ambiente aquático. Curitiba, [2018]. Disponível em: <<http://www.ciencias.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=628&evento=2>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Veja também: ambiente; ambiente aquático eutrófico; ambiente aquático hipertrófico; ambiente aquático estuarino; ambiente aquático oligotrófico; Ambiente aquático pelágico; ambientes lênticos. Faceta Espaço; macroinvertebrados aquáticos. Faceta Entidade.

4 Ambiente aquático eutrófico

Ambiente que sofreu eutrofização.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: elaborado pela autora.

Veja também: ambiente aquático. Faceta Espaço; eutrofização. Faceta Processo.

5 Ambiente aquático hipertrófico

Ambiente aquático com elevado índice de eutrofização.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: elaborado pela autora.

Veja também: ambiente aquático. Faceta Espaço; eutrofização. Faceta Processo.

6 Ambiente aquático estuarino

Ambiente aquático dos estuários dos rios, isto é, locais onde o curso de água se abre mais ou menos largamente.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: RAMBALDI, D. M.; OLIVEIRA; D. A. S. (Org.). *Fragmentação de ecossistemas: causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas*. Brasília, DF: MMZ/SBF, 2003.510 p.

Veja também: ambiente aquático. Faceta Espaço.

7 Ambiente aquático oligotrófico

Ambiente aquático pobre em nutrientes ou com uma produtividade primária muito baixa.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: RAMBALDI, D. M.; OLIVEIRA; D. A. S. (Org.). *Fragmentação de ecossistemas: causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas*. Brasília, DF: MMZ/SBF, 2003. 510 p.

Veja também: ambiente aquático. Faceta Espaço.

8 Ambiente aquático pelágico

Compartimento que compreende os ambientes aquáticos existentes entre as interfaces água-atmosfera e água-sedimento e abrange toda a extensão da coluna de água, independentemente de sua profundidade.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LOPES, R. M.; DIAS, J. F.; GAETA, S. A. Ambiente pelágico. In: HATJE, V.; ANDRADE, J. B. (Org.). *Baía de todos os santos: aspectos oceanográficos*. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 122-155. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Veja também: ambiente aquático; compartimentos de um lago. Faceta Espaço. Ecossistema. Faceta Entidade.

9 Ambientes costeiros

Ambientes localizados em regiões costeiras, como praias, costões rochosos e manguezais, entre outros.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LOPES, Carlos Ferreira. *Ambientes costeiros contaminados por óleo: procedimentos de limpeza: manual de orientação*. São Paulo: Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 2007. 120 p.

Veja também: praia; costão rochoso; mangue. Faceta Espaço.

10 Ambientes lênticos

São ambientes aquáticos de água parada, como por exemplo, lagoas, lagos, pântano, etc.

Linha de pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BASES conceituais para monitoramento de águas continentais. São Paulo: EAD/UNESP.

Disponível em: <https://capacitacao.ead.unesp.br/dspace/bitstream/ana/76/4/Unidade_2.pdf>.

Acesso em: 2 out. 2018.

Veja também: ambiente aquático. Faceta Espaço.

11 Área de Preservação Permanente (APP)

Área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas. Unidade de conservação.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis n.ºs 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis n.ºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 maio 2012. Seção 1, p. 1.

Veja também: Unidade de Conservação; Vegetação marginal. Faceta Espaço.

12 Área de Proteção Ambiental (APA)

Unidade de conservação destinada a proteger e conservar a qualidade ambiental e os sistemas naturais ali existentes, visando a melhoria da qualidade de vida da população local e também objetivando a proteção dos ecossistemas regionais.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução CONAMA nº 10, de 14 de dezembro de 1988. Dispõe sobre a regulamentação das Áreas de Proteção Ambiental-APAs. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 ago. 1989. Seção 1, p. 13660-13661.

Veja também: Unidade de Conservação. Faceta Espaço.

13 Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE)

Unidade de conservação de pequena extensão, com pouca ou nenhuma ocupação humana, com características naturais extraordinárias ou que abriga exemplares raros da biota regional, e tem como objetivo manter os ecossistemas naturais de importância regional ou local e regular o uso admissível dessas áreas, de modo a compatibilizá-lo com os objetivos de conservação da natureza.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: BRASIL. Lei Federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Seção 1. p. 1 Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9985.htm>>. Acesso em: 15 set. 2018.

Veja também: Unidade de Conservação. Faceta Espaço.

14 Área de Relevante Interesse Ecológico de Itapebussus

Foi reconhecida como Unidade de Conservação em 2002, pelo Decreto no 038, sendo uma das cinco UCs de Rio das Ostras. Essa região apresenta uma paisagem litorânea que abriga expressiva biodiversidade, com ambientes relacionados à vegetação de restinga, matas de tabuleiro e matas ciliares, todas componentes da Mata Atlântica, além da presença de lagoas, como a de Itapebussus. Com base no Plano de Manejo, pode-se concluir que o ARIE de Itapebussus é um importante patrimônio para estudos científicos e para o ecoturismo controlado, tendo em vista as poucas Unidades de Conservação litorâneas na região sudeste do Brasil (SEMAP–R.O., 2004).

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: Miranda, L.G. Avaliação dos impactos da urbanização sobre as comunidades de macroalgas bentônicas em três costões rochosos da região do norte fluminense-RJ, Brasil. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2016.

Veja também: Área de Relevante Interesse Ecológico. Faceta Espaço.

15 Área estuarina

São corpos d'água semifechados que têm uma livre ligação com o oceano e no seu interior a água marinha sofre diluição pelo aporte de água fluvial determinando graus de mistura entre

essas duas massas de água, embora outras definições de estuários incluam aspectos ecológicos, de circulação de massas de águas, entre outros fatores (Pritchard, 1967, Kjerfve, 1994).

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BERENGER, J. N. Utilização de biomarcadores bioquímicos em Genidens para avaliação do grau de contaminação por derivados do petróleo no estuário do rio Macaé. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2013.

Veja também: corpos d'água. Faceta Espaço.

16 Arquipélago

Agrupamento de ilhas, que se encontram concentradas em certas áreas dos oceanos. Podem também se formar na desembocadura dos rios, dando origem aos deltas.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade Estrutura e reconhecimento.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: Arquipélago de Santana; Arquipélago de São Pedro e São Paulo. Faceta Espaço.

17 Arquipélago de Santana

Área de Proteção Ambiental Municipal. APA, grupo de ilhas localizada a oito quilômetros da costa de Macaé. O Parque Municipal do Arquipélago de Santana compreende as Ilhas de Santana, do Francês, Ponta das Cavalas, Ilhote do Sul e demais rochedos e lajes que constituem o arquipélago. O Arquipélago é um Parque Municipal e Área de Preservação Ambiental (APA), pela Lei Municipal 1216, de 1989, e regulamentado pelo decreto 018/2011. Linha de Pesquisa: Biodiversidade Estrutura e reconhecimento.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SANTIAGO, I. U. Avaliação da ocorrência de hidrocarbonetos e metais pesados em mexilhões (Perna perna, Linnaeus 1758) na região litoral de Macaé. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2014.

Veja também: arquipélago; Área de Preservação Ambiental. Faceta Espaço.

18 Arquipélago de São Pedro e São Paulo

Grupo de ilhas localizada a 1.100 Km de Natal, Rio Grande do Norte.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade Estrutura e reconhecimento.

Fonte: elaborado pela autora.

Veja também: arquipélago. Faceta Espaço.

19 Bacia

Depressão de forma variada, ou conjunto e terras, que pode ser eventualmente ocupada por rios e lagos. Pode ter várias conotações: bacia hidrográfica, bacia estrutural, bacia carbonífera, bacia sedimentar

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: bacia hidrográfica, bacia hidrográfica montanhosa, bacia sedimentar continental interior, bacia estrutural, bacia carbonífera. Faceta Espaço.

20 Bacia hidrográfica

Região compreendida entre divisores de água, na qual toda a água aí precipitada escoar por um único exutório.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: bacia hidrográfica montanhosa; bacia hidrográfica do Rio Macaé. Faceta Espaço.

21 Bacia hidrográfica montanhosa

Bacia hidrográfica existente em região montanhosa.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: elaborado pela autora.

Veja também: bacia hidrográfica. Faceta Espaço.

22 Bacia hidrográfica do Rio Macaé

Bacia hidrográfica com 1.765 km² de área, com nascente na Serra de Macaé e foz no Oceano Atlântico.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: COMITÊ DE BACIA DO RIO MACAÉ. *Bacia hidrográfica*. Disponível em: <http://cbhmacae.eco.br/site/index.php/bacia-hidrografica/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Veja também: bacia hidrográfica. Faceta Espaço.

23 Bacia sedimentar

Depressão preenchida por materiais provenientes de áreas circunjacentes. Muitas vezes, a estrutura dessas bacias é composta por camadas concordantes, que mergulham da periferia para o centro da bacia.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: Bacia Sedimentar de Campos; Bacia Sedimentar Bauru; Plataforma Petrolífera. Faceta Espaço; sedimentação. Faceta Processo. Hidrocarboneto; Petróleo. Faceta Materiais.

24 Bacia Sedimentar de Campos

A Bacia de Campos é a principal área sedimentar já explorada na costa brasileira para extração de petróleo. Ela se estende das imediações da cidade de Vitória (ES) até Arraial do Cabo, no litoral norte do Rio de Janeiro, em uma área de aproximadamente 100 mil quilômetros quadrados.

Linha de pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: PETROBRAS. Bacia de Campos. Disponível em: <<http://www.petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/principais-operacoes/bacias/bacia-de-campos.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Veja também: Bacia sedimentar; Plataforma Petrolífera. Faceta Espaço; sedimentação. Faceta Processo. Hidrocarboneto; Petróleo. Faceta Materiais, métodos e técnicas.

25 Bacia Sedimentar Bauru

Bacia sedimentar continental interior, acumulou uma sequência sedimentar essencialmente arenosa, que ocorre em área de cerca 370.000 km². Encontra-se situada na parte centro-sul da Plataforma Sul-Americana.

Linha de pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: FERNANDES, Luiz Alberto. *Estratigrafia e evolução geológica da parte oriental da Bacia Bauru (Ks, Brasil)*. 1998. Tese (Doutorado em Geologia Sedimentar) – Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Veja também: Veja também: bacia sedimentar. Plataforma Petrolífera. Faceta Espaço; sedimentação. Faceta Processo. Hidrocarboneto; Petróleo. Faceta Materiais, métodos e técnicas.

26 Camada

Intervalo físico ou imaginário delimitando uma região do espaço.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: camada de ozônio. Faceta Espaço.

27 Camada de ozônio

Camada de gás ozônio (O₃) que existe na atmosfera terrestre e que reflete a radiação ultravioleta perigosa para a vida na Terra.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: camada. Faceta Espaço.

28 Canal

Curso de água artificial, geralmente construído para possibilitar a navegação entre mares, rios etc. ou para drenagem, irrigação do solo e fornecimento de água.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: CANAL. In: MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. [S.l.]: Melhoramentos. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/canal/>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Veja também: Canal Macaé-Campos; Canal Pitanga. Faceta Espaço.

29 Canal Macaé-Campos

Curso de água artificial que interliga as cidades Macaé e Campos dos Goytacazes.

Linha de pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: LÓPEZ, N. C. R. *Fecundidade de Jenynsia multidentata (Cyprinodontiformes: Anablepidae): Explorando o investimento materno em múltiplas escalas*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2015.

Veja também: canal. Faceta Espaço.

30 Canal Pitanga

localizado na planície costeira no norte do Estado do Rio de Janeiro dentro de uma unidade de conservação chamada Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (PARNA Jurubatiba). O canal Pitanga (41°18'W-22°09'S) é alongado e estreito, com cerca de 100 m de extensão e 3m de largura, com uma área aproximada de 290 m², profundidade média de 0,50 m, fundo lamoso e águas escuras.

Linha de pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: LÓPEZ, N. C. R. *Fecundidade de Jenynsia multidentata (Cyprinodontiformes: Anablepidae): Explorando o investimento materno em múltiplas escalas*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2015.

Veja também: canal. Faceta Espaço.

31 Compartimentos de um lago

Os compartimentos de um lago são: região litorânea, região limnética ou pelágica, região profunda e interface água-ar. Esta classificação, como a maioria das classificações em Limnologia, tem apenas caráter didático, uma vez que estes compartimentos não estão isolados dentro do ambiente aquático, mas sim em constante interação através de trocas de matéria e energia superpondo-se muitas vezes.

Linha de pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ESTEVES, F. A. Fundamentos de limnologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1998.

Veja também: ambiente pelágico; região litorânea; região profunda. Faceta Espaço.

32 Corpo d'água

Denominação genérica para qualquer manancial hídrico: curso d'água, trecho de rio, reservatório artificial ou natural, lago, lagoa, represas, açudes ou aquífero subterrâneo.

Linha de pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Geociências. Atlas do saneamento brasileiro. Rio de Janeiro, 2011.

Veja também: Limnologia. Faceta Entidade.

33 Corpo hídrico

Ver corpo d'água.

34 Costão rochoso

Ambiente costeiro formado por rochas situado na transição entre os meios terrestre e aquático. É considerado muito mais uma extensão do ambiente marinho que do terrestre, uma vez que a maioria dos organismos que o habitam, estão relacionados ao mar.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: CARVALHAL, Fabiana; BERCHEZ, Flávio A. S. *Costão Rochoso: a diversidade em microescala*. [São Paulo]: IB/USP. Disponível em: <http://www.ib.usp.br/ecosteios/textos_educ/costao/index2.htm>. Acesso em: 1 out. 2018.

Veja também: Costão rochoso da Praia os Cavaleiros. Faceta Espaço.

35 Costão rochoso da Praia dos Cavaleiros

Ambiente costeiro formado por rochas situado na Praia dos Cavaleiros, Macaé, Rio de Janeiro.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: elaborado pela autora.

Veja também: costão rochoso. Faceta Espaço.

36 Estação ecológica

Área representativa de Ecossistemas brasileiros, destina à realização de pesquisas básicas e aplicadas de Ecologia, à proteção do ambiente natural e ao desenvolvimento da educação conservacionista.

Linha de pesquisa Biodiversidade: Estrutura Reconhecimento

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 1999.

Veja também: unidade de conservação; reserva ecológica. Faceta Espaço.

37 Estuário

Desembocadura ou foz de rio alargada e extensa, como uma baía fechada e estreita, onde misturam-se água doce do rio e salgada do mar ao sabor da correnteza fluvial e dos fluxos de marés do mar, normalmente com vários rios desaguando nele.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: WINGE, M. et. al. *Glossário geológico ilustrado*. Brasília, DF: Instituto de Geociências, UnB. Disponível em: <<http://sigep.cprm.gov.br/glossario/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

Veja também: corpos d'água; Estuário do Rio Macaé, Estuário de Rio das Ostras; peixe esturiano. Faceta Entidade.

38 Estuário do Rio de Macaé

Desembocadura ou foz de alargada e extensa do Rio Macaé. O rio Macaé (22° 21' - 22° 28' S e 42° 27' - 42° 35' W) é um rio de médio porte, com cerca de 130 km de extensão, cuja bacia hidrográfica está localizada na região das Bacias do Leste. A bacia drena uma área de 1.765 km², envolvendo praticamente toda a área do município de Macaé (1.448 km²), parte dos municípios de Rio das Ostras (11 km²) e Carapebus (11 km²), além dos municípios de Casimiro de Abreu (83 km²), Conceição de Macabu (70 km²) e Nova Friburgo (142 km²), sendo que neste último estão localizadas suas nascentes, a 1.500 m de altitude, no Pico do Tinguá.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: **CATELANI, P.A.** *Influência do gradiente ambiental do estuário do Rio Macaé, RJ, na composição da Ictiofauna: uma abordagem das guildas ecológicas*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2013.

Veja também: estuário. Faceta Espaço.

39 Estuário de Rio das Ostras

Desembocadura ou foz de alargada e extensa do Rio das Ostras.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: elaborado pela autora.

Veja também: estuário. Faceta Espaço.

40 Floresta

Região dominada por grande quantidade de árvores e sub-bosque.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 1999.

Veja também: Floresta Nacional Saracá-Taquera; Floresta Nacional de Carajás, igapó. Faceta Espaço; serapilheira. Faceta Materiais.

41 Floresta Nacional Saracá-Taquera (PA)

A Floresta Nacional (Flona) de Saracá-Taquera, situada no noroeste do estado do Pará, possui 441.152 hectares. Localiza-se entre os municípios de Terra Santa, Oriximiná e Faro, na fronteira com o estado do Amazonas. A Flona foi criada em dezembro de 1989 é adjacente à Reserva Biológica do Rio Trombetas.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO. *Floresta Nacional de Saracá-Taquera (PA)*. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2018. Disponível em: <http://www.florestal.gov.br/florestas-sob-concessao/92-concessoes-florestais/florestas-sob-concessao/102-floresta-nacional-de-saraca-taquera-pa>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Veja também: floresta, unidade de conservação. Faceta Espaço.

42 Floresta Nacional de Carajás

A Floresta Nacional de Carajás apresenta múltiplos interesses: ambiental, extrativismo vegetal e mineral. A unidade foi criada por meio de Decreto em 02 de fevereiro de 1998 com uma área total de aproximadamente 400 mil hectares abrangendo os municípios de Parauapebas, Canaã dos Carajás, Água Azul do Norte.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ICMBIO. *Floresta Nacional de Carajás*. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/4061-floresta-nacional-de-carajas>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Veja também: floresta, unidade de conservação. Faceta Espaço.

43 Igapó

Mata inundada, isto é, trecho de floresta onde a água, após a enchente dos rios, fica por algum tempo estagnada.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: floresta. Faceta Espaço.

44 Igarapé

Curso d'água amazônico navegável, geralmente afluente de rios maiores e que tem as mesmas características destes rios.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: corpo d'água. Faceta Espaço.

45 Ilha

Porção de terra emersa, circundada de água doce ou salgada.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 1999.

Veja também: Ilha de Santana. Faceta Espaço.

46 Ilha de Santana

Ilha localizada em Macaé/RJ, nas coordenadas latitude 22o 24' 20,12"S e longitude 41o 42' 07,6" W . A maior ilha do arquipélago de Santana, é a única que possui alguma infraestrutura instalada: uma base de gerenciamento de faróis da marinha, um gerador de eletricidade, e algumas casas onde residem temporariamente prestadores de serviço ao farol.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SANTIAGO, I. U. *Avaliação da ocorrência de hidrocarbonetos e metais pesados e mexilhões (Perna perna Linnaeus, 1758) na região de Macaé*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Federal de Rio de Janeiro, Macaé, 2014.

Veja também: ilha. Faceta Espaço.

47 Lago

Lagos são corpos d'água interiores sem comunicação direta com o mar e suas águas têm em geral baixo teor de íons dissolvidos, quando comparadas às águas oceânicas. Exceção deve ser feita àqueles lagos localizados em regiões áridas ou submetidas a longos períodos de seca, nos quais o teor de íons dissolvidos pode ser alto, pois a intensa evaporação não é compensada pela precipitação. Nestas condições, o teor de sais dissolvidos pode ser muitas vezes superior ao da água do mar.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura Reconhecimento

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ESTEVES, Francisco de Assis. *Fundamentos de limnologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1998.

Veja também: lago amazônico; lago batata. Faceta Espaço.

48 Lago amazônico

Depressões no terreno cheias de água confinada, localizadas na região da Amazônia.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: elaborado pela autora.

Veja também: lago. Faceta Espaço.

49 Lago Batata

O lago Batata está localizado na margem direita do rio Trombetas (1°25' e 1°35' S, 56°15' e 56°25' O) na região de Porto Trombetas no município de Oriximiná (PA) Ambos são influenciados pelo pulso de inundação e pertencentes ao tipo de planície de inundação de rios de águas claras, com baixa concentração de sólidos inorgânicos em suspensão e de matéria orgânica dissolvida (SIOLI, 1984), além da presença de vegetação característica de igapó. A área total do lago Batata varia entre 18 a 30 km² entre os períodos de águas baixa e alta respectivamente, com profundidades médias de 2,5 m e 10 m (PANOSSO et alii., 1995).

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: PENHA, L. N. *Dinâmica da matéria orgânica no sedimento de um lago amazônico impactado por rejeito de bauxita (lago Batata - Porto Trombetas, PA) e sua importância para o processo de restauração*. 2015, Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2015.

Veja também: lago. Faceta Espaço.

50 Lagoa

Depressão com forma variada, mas predominando as formas circulares, de profundidades pequenas e cheias de água doce ou salgada. As lagoas podem ser definidas como Lagos de menor profundidade em relação ao seu perímetro. Algumas são temporárias, existindo só em estação chuvosa e tendendo à colmatagem.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 1999.

Veja também: lagoa costeira; ambiente aquático. Faceta Espaço; ecossistema. Faceta Entidade.

51 Lagoa costeira

Corpos d'água terrestres separados do mar por uma barreira de areia ou conectados ao oceano por um ou mais canais.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: CAMPANELI, Leonardo Bernardo; MOLISANI, Mauricio Mussi. Mudança do estado trófico de lagoas costeiras do estado do Rio de Janeiro nos últimos 30 anos. In: SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS, 5., 2016, Macaé. *Anais...* Macaé: IFFluminense, 2016.

Veja também: ambiente aquático; Lagoa Costeira Comprida; Lagoa Costeira de Jurubatiba; Lagoa Catingosa; Lagoa da Garça; Lagoa de Imboassica; Lagoa Visgueiro. Faceta Espaço.

52 Lagoa Costeira Comprida

localizada na planície costeira no norte do Estado do Rio de Janeiro dentro de uma unidade de conservação chamada Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (PARNA Jurubatiba) a 22° 17'S, 41° 39'O, apresenta área média de 0,13km², temperatura média anual da água de 22,7 °C e baixa profundidade (menor que dois metros) (Caliman et al., 2010; Fisher et al., 2005).

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: FELIX, R. W. *Fluxos de metano e dióxido de carbono em lagoas costeiras húmicas: uma abordagem espaço-temporal*. 2014. Dissertação. (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2014.

Veja também: lagoa costeira. Faceta Espaço.

53 Lagoa Costeira de Jurubatiba

Localizada na planície costeira no norte do Estado do Rio de Janeiro dentro de uma unidade de conservação chamada Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (PARNA Jurubatiba) a 22° 15'S, 41° 30'O, apresenta área média de 0,34km², temperatura média anual da água de 22,7 °C e profundidade máxima de cerca de três metros (Caliman et al., 2010; Fisher et al., 2005).

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: FELIX, R. W. *Fluxos de metano e dióxido de carbono em lagoas costeiras húmicas: uma abordagem espaço-temporal*. 2014. Dissertação. (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2014.

Veja também: lagoa costeira. Faceta Espaço.

54 Lagoa Catingosa

localizada na planície costeira no norte do Estado do Rio de Janeiro dentro de uma unidade de conservação chamada Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (PARNA Jurubatiba). A lagoa Catingosa (41o23'W-22o10'S) possui uma área de 0,09 km, é pequena se comparada às demais lagoas do parque, tem forma irregular, com uma profundidade média de 0,80 m, com fundo lamoso e águas escuras avermelhadas.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: López, N. C. R. *Fecundidade de Jenynsia multidentata (Cyprinodontiformes: Anablepidae): explorando o investimento materno em múltiplas escalas*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2015.

Veja também: lagoa costeira. Faceta Espaço.

55 Lagoa Garça

localizada na planície costeira no norte do Estado do Rio de Janeiro dentro de uma unidade de conservação chamada Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (PARNA Jurubatiba)A lagoa Garça (41o29'W-22o12'S), dentre os ambientes estudados é aquela com a maior superfície (0,21 km²), apresenta fundo irregular, o que permite a formação de poças (Hollanda-Carvalho et al., 2003), com uma profundidade média de 0,30 m, um fundo lamoso e águas escuras.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LÓPEZ, N. C. R. *Fecundidade de Jenynsia multidentata (Cyprinodontiformes: Anablepidae): explorando o investimento materno em múltiplas escalas*. 2015. Dissertação. (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2015.

Veja também: lagoa costeira. Faceta Espaço.

56 Lagoa de Imboassica

A Lagoa Imboassica está localizada na planície costeira da Região Norte Fluminense, na interface entre os municípios de Macaé e Rio das Ostras. (22o22'18''S;1o47'9''O), tendo se formado devido ao represamento do Rio Imboassica a partir de um cordão litorâneo arenoso oriundo dos processos marinhos litorâneos.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura Reconhecimento.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: Steagall, E. D. R. *A Degradação da Lagoa Imboassica e os royalties no município de Macaé*. 2014. Dissertação. (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2014.

Veja também: lagoa costeira. Faceta Espaço.

57 Lagoa Visgueiro

A lagoa Visgueiro localiza-se na região do norte fluminense (22°11.494' S 41°25.774' W), no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. Macaé/RJ.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura Reconhecimento.

Fonte: **LEITÃO, A. dos S.** Taxonomia, estrutura populacional e distribuição espaço-temporal de polychaeta na Lagoa Visgueiro do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, RJ, Brasil. 2014, Dissertação. (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2014.

Veja também: lagoa. Faceta Espaço.

58 Lençol freático

Camada de água existente abaixo da superfície da terra que se forma a pequenas profundidades e que se origina da infiltração da água da chuva no solo.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: hidrologia. Faceta Entidade.

59 Litoral

Faixa de terra emersa, banhada pelo mar.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: planície costeira. Faceta Espaço.

60 Mata

Ver floresta.

61 Mata Atlântica

É uma floresta costeira, de clima úmido, com penetrações nos vales dos rios, encostas, das serras tem formação alta, densa, com inúmeras espécies caducifólias, representa 10% da área do território nacional.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: floresta. Faceta Espaço.

62 Mata costeira

Ver Mata Atlântica.

63 Mata semidecidual

São formações de ambientes menos úmidos do que aqueles onde se desenvolve a floresta ombrófila densa. Em geral, ocupam ambientes que transitam entre a zona úmida costeira e o ambiente semiárido. Esta formação vegetal apresenta um porte em torno de 20 metros (estrato mais alto) e apresenta, como característica importante, uma razoável perda de folhas no período seco, notadamente no estrato arbóreo.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: ARAÚJO FILHO, J. C. *Floresta estacional semidecidual*. Brasília, DF: Agência Embrapa de Informação Tecnológica, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/kpkgVS>>. Acesso em: 12 set. 2018.

Veja também: floresta. Faceta Espaço.

64 Parque Municipal do Arquipélago de Santana

Ver Arquipélago de Santana.

65 Parque Nacional (PARNA)

Unidade de Conservação criada pelo poder público federal com a finalidade de resguardar atributos excepcionais da natureza, conciliando a proteção integral da flora e fauna e das belezas naturais, com a utilização para objetivos educacionais, recreativos e científicos. Ressalvada a cobrança de ingresso a visitantes, cuja receita deve ser destinada em pelo menos 50% (cinquenta por cento) ao custeio da manutenção e fiscalização, bem como de obras de melhoramento em cada unidade, é proibida qualquer forma de exploração dos recursos naturais nos parques. (Lei 4.771, de 15 de setembro de 1965).

Linha de pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: Unidade de Conservação. Faceta Espaço.

66 Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba

O Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (PNRJ) localiza-se no norte do Estado do Rio de Janeiro, abrangendo os municípios de Macaé, Carapebus e Quissamã (Fig.1). Criado pelo Decreto no 0-008 de 29 de abril de 1998, o PNRJ é uma Unidade de Proteção Integral. Tem como objetivo preservar a natureza e admite apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, de acordo com a Lei no 9.985 que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC (BRASIL 2000). O PNRJ está situado entre as latitudes de 22º e 22º23'S e as longitudes de 41º15' e 41º45' W, em região litorânea, com área aproximada de 14.760 ha (147,60km²) e 44 km de extensão pela costa.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte : MACHADO, N. C. Aspectos fenológicos de espécies arbóreas e arbustivas em formações vegetacionais abertas no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. 2013. Dissertação

(Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2013.

Veja também: Unidade de Conservação; Parque Nacional (PARNA). Faceta Espaço.

67 Parque Municipal do Arquipélago de Santana

O Parque Municipal do Arquipélago de Santana compreende as Ilhas de Santana, do Francês, Ponta das Cavalas, Ilhote do Sul e demais rochedos e lajes que constituem o arquipélago. O Arquipélago é um Parque Municipal e Área de Preservação Ambiental (APA), pela Lei Municipal 1216, de 1989, e regulamentado pelo decreto 018/2011.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SANTIAGO, I. U. *Avaliação da ocorrência de hidrocarbonetos e metais pesados em mexilhões (Perna perna, Linnaeus 1758) na região litoral de Macaé*. 2014. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2014.

Veja também: Unidade de Conservação. Faceta Espaço.

68 Planície

Superfície aproximadamente plana, onde os processos de agradação superam os processos de degradação. Existem planícies que podem estar a mais de 1000 metros de altitude, constituindo as chamadas planícies de nível de base local, ou planícies de montanha.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: ambiente. Faceta Espaço.

69 Planície costeira [brasileira]

Planície formada por sedimentos terciários ou quaternários, depositados na zona costeira, ocorrendo em cada uma das grandes regiões reconhecidas para a costa brasileira.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: CAMPOS, Raíssa. Planícies Costeiras. ZonaCosteira. Disponível em: <<http://www.zonacosteira.bio.ufba.br/planicies.html>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Veja também: costa; litoral; praia; planície. Faceta Espaço.

70 Plataformas petrolíferas

Unidades que podem ou não ser habitadas, utilizadas para as atividades de perfuração de poços e produção de petróleo e gás natural.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: PETROBRAS. Comunicação Bacia de Santos. Disponível em: <<https://www.comunicabaciadesantos.com.br/glossario/all?page=1>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Veja também: petróleo. Faceta Materiais.

71 Praia

Depósito de areias acumuladas por agentes de transporte fluvial e marinho. A sua largura varia durante o dia em função das variações de maré; pode ser completamente coberta pela água por ocasião da maré sizígia.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. Dicionário brasileiro de ciências ambientais. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 1999.

Veja também: Ambientes costeiros. Faceta Espaço.

72 Região litorânea

A região litorânea corresponde ao compartimento do lago que está em contato direto com o ecossistema terrestre adjacente, sendo, portanto, influenciado diretamente por ele. Pode-se considerar este compartimento uma região de transição (ecótono) entre o ecossistema terrestre

e o lacustre. Por esta razão, trata-se de um compartimento com grande número de nichos ecológicos e cadeias alimentares, tanto de herbivoria na qual a fonte de energia é a biomassa vegetal viva, como de detrito que tem como fonte de energia a biomassa morta. Pode-se considerar esta última como a principal responsável pelo fluxo de energia neste compartimento, no qual participam inúmeros invertebrados aquáticos. Dentre estes, destacam-se várias espécies de oligoquetas, moluscos, crustáceos e insetos. Estes últimos desempenham papel mais relevante na cadeia de detritos quando na fase larvar

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura Reconhecimento

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ESTEVES, Francisco de Assis. *Fundamentos de limnologia* . 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1998.

Veja também: compartimentos de um lago. Faceta Espaço.

73 Região limnética

Ver ambiente pelágico.

74 Região profunda

Esta região é caracterizada pela ausência de organismos fotoautótrofos, causada pela não penetração de luz e por ser uma região totalmente dependente da produção de matéria orgânica na região litorânea e limnética. Sua comunidade, a bentônica, é formada principalmente por invertebrados aquáticos como: oligoquetas (tubificídeos), crustáceos (ostrácodes), moluscos (gastropódos e bivalvos), larvas de insetos (quironomídeos, efemerópteros, odonata, etc.)

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura Reconhecimento

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ESTEVES, Francisco de Assis. *Fundamentos de limnologia* . 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1998.

Veja também: compartimentos de um lago. Faceta Espaço. Bentos. Faceta Materiais.

75 Interface Água-ar

Ver ambiente aquático pelágico.

76 Reserva ecológica

Florestas e demais formas de vegetação natural de preservação permanente relacionadas no art.2 do Código Florestal, e os pousos das aves de arribação protegidas por convênios, acordos ou tratados assinados pelo Brasil com outras nações. (Lei nº 6.938 de 31 de agosto de 1981). Excetuam-se as áreas nas quais o Poder Público estabeleça Estações Ecológicas.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: unidade de conservação; estação ecológica. Faceta Espaço.

77 Restinga

Faixa ou língua de areia, depositada paralelamente ao litoral, devido ao dinamismo destrutivo e construtivo das águas oceânicas. Esses depósitos são feitos com apoio em pontas ou cabos, podendo barrar uma série de pequenas lagoas.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: ambiente. Faceta Espaço.

78 Restinga de Jurubatiba

Ver Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba

79 Talude

Superfície inclinada do terreno, na base de um morro ou encosta de vale, onde se encontra um depósito de detritos.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 1999.

Veja também: talude continental. Faceta Espaço.

80 Talude continental

Porção integrante da margem continental, situado entre a plataforma continental e o sopé continental. Nas costas onde não se configura, o talude passa diretamente à planície abissal ou fundo oceânico. Sua inclinação é maior que as da plataforma e do sopé. Encontra-se situado entre as isóbatas de 180 m e 3 000 m.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: Talude. Faceta Espaço.

81 Unidade de conservação

Área de domínio público ou privado protegida por lei que, de acordo com seu nível de abrangência pode estar sob jurisdição federal, estadual ou municipal (ex.: parque nacional, estação ecológica, reserva biológica, área de proteção ambiental).

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: Área de Preservação Permanente (APP); Área de Proteção Ambiental (APA); Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE); Área de Relevante Interesse Ecológico de Itapebussus; Estação ecológica, Parque Nacional (PARNA); Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba; Reserva ecológica. Faceta Espaço; gestão ambiental. Faceta Processo. Legislação ambiental. Faceta Entidade.

82 Vegetação marginal

Vegetação que cresce na margem de corpos d'água (rios, córregos, lagos, reservatórios) e nascentes. São Áreas de Preservação Permanente.

Linha de pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SKORUPA, Ladislau Araújo. *Áreas de Preservação Permanente e Desenvolvimento Sustentável*. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2003. 4 p. Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/Skorupa_areasID-GFiPs3p4lp.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Veja também: Área de Preservação Permanente. Faceta Espaço.

Fenômeno (acontecimento observável, particularmente algo especial)

83 Aclimação

Mudança reversível na morfologia ou na fisiologia de um organismo em resposta a uma mudança ambiental. Faculdade que tem um ser vivo de, à custa de algumas modificações, viver e produzir-se em um novo meio, diferente do habitual.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: aquecimento global.

84 Aquecimento global

Aumento da temperatura na Terra como consequência do acréscimo do teor de gás carbônico na atmosfera provocando o efeito estufa.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: aclimação. Faceta Fenômeno; mitigação das mudanças climáticas. Faceta Processo; Efeito Estufa. Faceta Fenômeno.

85 Efeito Estufa

É o fenômeno natural de aquecimento da superfície terrestre formado por gases que permitem a penetração da luz do sol na sua superfície, mas bloqueia a irradiação do calor impedindo seu retorno ao espaço, aumentando desta forma a temperatura da terra. É o aumento de temperatura da atmosfera terrestre em consequência da absorção de energia reemitida pela superfície terrestre.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: aquecimento global. Faceta Fenômeno; Mecanismos de Desenvolvimento Limpo (MDL). Faceta Materiais, métodos e técnicas.

86 El Niño

Fenômeno oceanográfico e atmosférico, altamente complexo, caracterizado por uma corrente quente marítima, deslocando-se do equador para os trópicos, que inverte, ou pelo menos impede, a circulação normal das águas quentes do Oceano Pacífico, a qual se dá da costa ocidental da América do Sul para costa oriental da Austrália e Ásia.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002

Veja também: La Niña. Faceta Fenômeno.

87 Impacto antrópico

Veja pressão antrópica. Faceta Fenômeno.

88 La Niña

É o resfriamento anômalo das águas superficiais do oceano Pacífico Equatorial, Central e Oriental. De modo geral, pode-se dizer que La niña é o oposto de El niño, pois as temperaturas do mar nesta região situam-se em torno de 25oC. Produz comportamentos climáticos mais normais em todo o planeta do que sua antítese El niño.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: El Niño. Faceta Fenômeno.

89 Maré

Fluxo e o refluxo das águas do mar que periodicamente, geralmente duas vezes por dia, sobem (preamar) e descem (baixa-mar) alternadamente.

Linha de pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: Maré de sizígia. Faceta Fenômeno.

90 Maré de sizígia

Maré de máxima amplitude que ocorre quando o sol e a lua estão em sizígia, isto é, quando a atração gravitacional do Sol e da Lua se somam.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002

Veja também: maré. Faceta Fenômeno.

91 Poluição

Degradação da qualidade ambiental resultante das atividades que direta ou indiretamente: prejudiquem a saúde, a segurança e o bem-estar da população; criem condições adversas às atividades sociais e econômicas; afetem desfavoravelmente a biota; afetem as condições estéticas ou sanitárias do meio ambiente; lancem matérias ou energia em desacordo com os padrões ambientais estabelecidos.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BRASIL. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. *Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 set. 1981. Seção 1, p. 16509.*

Veja também: pressão antrópica. Faceta fenômeno; Fitorremediação. Faceta Processo; Política Nacional dos Resíduos Sólidos. Faceta Materiais, métodos e técnicas.

92 Pressão antrópica

Degradação do ambiente em decorrência de alteração física, química e(ou) biológica causada pela atividade humana.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: RAMBALDI, D. M.; OLIVEIRA; D. A. S. (Org.). *Fragmentação de ecossistemas: causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas*. Brasília, DF: MMZ/SBF, 2003. 510 p.

Veja também: poluição. Faceta Fenômeno; Fragmentação. Faceta Processo; Mineração; urbanização. Faceta Processo; vegetação de regeneração. Faceta Entidade.

Tempo (sequencia temporal)

93 Equinócio

Época do ano em que o sol se encontra na vertical em relação à linha do equador, sendo a duração do dia igual à da noite em toda a Terra, e que se verifica a 20 ou 21 de março (equinócio da primavera, quando o equador solar passa do hemisfério sul para o norte) e 22 ou 23 de novembro (equinócio de outono, quando o equador solar passa do hemisfério norte para o sul).

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: solstício. Faceta Tempo.

94 Solstício

Época em que o Sol passa pela sua maior declinação boreal ou austral, e durante a qual cessa de afastar-se do equador. Os solstícios situam-se, respectivamente, nos dias 22 ou 23 de junho, para a maior declinação boreal, e nos dias 22 ou 23 de dezembro para a maior declinação austral do Sol. No hemisfério sul, a primeira data se denomina solstício de inverno e a segunda, solstício de verão; e, como as estações são opostas nos dois hemisférios, essas denominações invertem-se no hemisfério norte.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: equinócio. Faceta Tempo.

95 Maturidade sexual morfológica

É a última fase do desenvolvimento de um organismo e quando os órgãos sexuais se apresentam pleno desenvolvimento para permitir a reprodução da espécie.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: reprodução. Faceta Processo.

Processo(energia) (ação de avançar, ir para frente e é um conjunto sequencial e particular de ações com objetivo comum)

96 Agricultura familiar

Processo produtivo normalmente composto por vários cultivos em combinação com atividades pecuária e de criação de aves e suínos, desenvolvidos em pequenas propriedades e tendo como força de trabalho a mão-de-obra familiar.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: agricultura sustentável. Faceta processo.

97 Agricultura sustentável

Processo produtivo. É a manutenção da produtividade e da produção agrícola com o mínimo possível de impactos ambientais, buscando o equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes e outros organismos coexistente.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: agricultura familiar. Faceta processo.

98 Agrupamento *neighbor-joining*

Método para reconstrução de árvores filogenéticas sem raiz a partir de uma matriz de distâncias e de acordo com o princípio da evolução mínima (minimum evolution).

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: REIS, S. F.; ZUBEN, F. J. *The Neighbor-Joining (NJ) Method: uma descrição passo-a-passo*. Unicamp. Disponível em:
<ftp://ftp.dca.fee.unicamp.br/pub/docs/vonzuben/bp590_1s04/neighbor_joining.pdf>. Acesso em: 6 out. 2018.

Veja também: taxonomia. Faceta Materiais.

99 Análise de correspondência canônica

É uma técnica de ordenação multivariada comumente utilizada por ecologistas. Permite analisar a relação entre a composição florística de uma comunidade florestal e variáveis ambientais.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: HIGUCHI, P. Análise de Correspondência Canônica (CCA) no R. *Dendro Blog: sobre trabalhos científicos, ideias, links, análises de dados, R e a vida acadêmica*, 23 out. 2011. Disponível em: <<http://labdendro.com/blog/2011/10/23/analise-de-correspondencia-canonica-cca-no-r/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

Veja também: composição florística. Faceta Materiais.

100 Aquacultura

Processo produtivo. Cultura de animais aquáticos, caracterizada pela tentativa de controlar as taxas de natalidade, crescimento e mortalidade através do controle do fluxo de energia e matéria num ecossistema natural fechado, ou artificialmente construído, buscando-se a maximização da produção.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: ambiente aquático. Faceta espaço; malacocultura. Faceta Processo.

101 Aquicultura

Ver Aquacultura

102 Balanço hídrico

Método de quantificação dos fluxos de água no ambiente fundamentado na constatação empírica do funcionamento do ciclo hidrológico.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: corpo d'água. Faceta Espaço.

103 Biomonitoramento

Monitoramento ambiental realizado através da utilização de organismos vivos, como por exemplo o uso de peixes para avaliar a qualidade de águas e o de líquens para avaliar a qualidade do ar.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: bioindicador. Faceta Materiais.

104 Biorrevolvimento

Atividade desenvolvida por indivíduos zoobentônicos no revolvimento do sedimento. Este processo faz aumentar a ciclagem de nutrientes no ecossistema.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: bentos. Faceta Entidade.

105 Biossorção

Remoção de metais pesados de um ambiente aquoso por microrganismos.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BIOSORPTION. In: Segen's Medical Dictionary. 2011. Disponível em: <<https://medical-dictionary.thefreedictionary.com/biosorption>>. Acesso em: 1 out. 2018.

Veja também: metal pesado. Faceta Materiais.

106 Biotransformação

Alteração química de uma substância exógena por/ou em um sistema biológico. A alteração pode inativar o composto ou pode resultar na produção de um metabólito ativo de um composto precursor inativo.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BIOTRANSFORMAÇÃO. In: Descritores em Ciências da Saúde. [S.l.]: Biblioteca Virtual em Saúde. Disponível em: <<http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decsserver/>>. Acesso em: 1 out. 2018.

Veja também: ciclo de nutrientes; fotossíntese. Faceta Processo.

107 Cadeia alimentar

Relação alimentar (ou trófica) que existe entre seres vivos que compõem um ecossistema ou comunidade biótica, pela qual são transferidos materiais e energia de um organismo para outro.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: RAMBALDI, D. M.; OLIVEIRA; D. A. S. (Org.). *Fragmentação de ecossistemas: causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas*. Brasília, DF: MMZ/SBF, 2003. 510 p.

Veja também: nível trófico; trófico. Faceta Entidade; herbivoria. Faceta Propriedade.

108 Ciclo de nutrientes

Caminho de um elemento nutriente através do ecossistema, incluindo a sua assimilação pelos organismos e a sua regeneração em formas orgânicas reutilizáveis.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: biotransformação; decomposição. Faceta Processo.

109 Coleta seletiva

Forma diferenciada de coletar os resíduos onde o lixo seco ou reciclável é separado na origem e recolhido em coleta especial.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: sustentabilidade. Faceta Processo.

110 Conflito ambiental

Divergências de opiniões entre duas ou mais camadas de uma sociedade que ocupam a mesma área de habitação ou de preservação ambiental.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: REDAÇÃO PENSAMENTO VERDE. Os principais conflitos ambientais no Brasil e no mundo. Pensamento Verde, 15 fev. 2014. Disponível em:

<<https://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/os-principais-conflitos-ambientais-brasil-e-mundo/>>. Acesso em: 1 out. 2018.

Veja também: conservação ambiental. Faceta processo.

111 Conservação ambiental

Processo de proteção de recursos naturais renováveis e seu manejo para uma utilização sustentada e de rendimento ótimo. Difere de preservação por permitir o uso o manejo da área.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental

Fonte: CONSERVAÇÃO. In: SILVA, P. P. L. et al. Dicionário brasileiro de ciências ambientais. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: conflito ambiental. Faceta Processo.

112 Controle de vetores

Série de metodologias para limitar ou eliminar insetos ou outros artrópodes que transmitem patógenos causadores de doenças.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Controle de vetores. Brasília, DF. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/vigilancia-em-saude/controle-de-vetores>>. Acesso em: 1 out. 2018.

Veja também: manejo. Faceta Processo.

113 Decomposição

É o processo de transformação de um organismo morto em matéria orgânica e inorgânicas (minerais) através a atuação de microrganismos como fungos e bactérias, permitindo que estes sejam utilizados pelas plantas ou outros organismos para seu desenvolvimento.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: ciclo de nutrientes. Faceta processo; matéria orgânica. Faceta Materiais.

114 Degradação ambiental

Alteração das características de um determinado ecossistema por meio da ação de agentes externos a ele. Processo conceitualmente caracterizado pela perda ou diminuição de matéria, forma, composição, energia e funções de um sistema natural por meio de ações antrópicas.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: poluição. Faceta Fenômeno.

115 Dinâmica populacional

Estudo das mudanças nos números de organismos de determinadas populações e dos fatores as causam.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: RAMBALDI, D. M.; OLIVEIRA; D. A. S. (Org.). *Fragmentação de ecossistemas: causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas*. Brasília, DF: MMZ/SBF, 2003. 510 p.

Veja também: população. Faceta Entidade; gradiente ecológico. Faceta Entidade.

116 Distribuição geográfica

Distribuição das espécies pelo globo terrestre obedecendo aos limites de tolerância para os fatores ambientais como temperatura, pressão, umidade, salinidade, etc. Quanto maior a faixa entre os limites de tolerância maior a distribuição geográfica.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: Ecologia; população; gradiente ecológico. Faceta Entidade.

117 Educação ambiental

Processo de formação de pessoal técnico em conservação e preservação, pelo qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente e sua sustentabilidade.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: preservação ambiental. Faceta Processo; Projeto Pólen. Faceta Entidade.

118 Eutrofização

Processo de enriquecimento das águas por nutrientes que alimentam o crescimento vegetal. Muitas vezes, o superenriquecimento, causado por esgotos e escoamento de terras com fertilizantes agrícolas, resulta em crescimento bacteriano excessivo, com consequente depleção de oxigênio, levando à morte parcial ou total das espécies locais.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: ambiente aquático hipertrófico. Faceta Espaço.

119 Expressão gênica

Manifestação de uma característica específica de um gene.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: gene. Faceta Materiais, métodos e técnicas.

120 Fitorremediação

Utilização de espécies vegetais para recuperar locais contaminados por substâncias nocivas.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: poluição. Faceta Fenômeno.

121 Forrageio

Atividade locomotora repetitiva de indivíduos ou populações de animais, em seu habitat, em busca de um recurso particular como alimentos, água etc.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: RAMBALDI, D. M.; OLIVEIRA; D. A. S. (Org.). *Fragmentação de ecossistemas: causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas*. Brasília, DF: MMZ/SBF, 2003. 510 p.

Veja também: ecologia. Faceta Entidade.

122 Fotossíntese

Conversão de energia luminosa em energia química a partir do dióxido de carbono na presença de clorofila, ou seja, assimilação do carbono pelos organismos clorofilados na presença de luz.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: biotransformação. Faceta processo; folha. Faceta Materiais, métodos e técnicas.

123 Fragmentação

Processo de criação de fragmentos ou substituição descontínua de áreas de vegetação natural por outras distintas. Pode ser natural ou causado por atividades antrópicas.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: RAMBALDI, D. M.; OLIVEIRA; D. A. S. (Org.). *Fragmentação de ecossistemas: causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas*. Brasília, DF: MMZ/SBF, 2003. 510 p.

Veja também: pressão antrópica. Faceta Fenômeno.

124 Gestão ambiental

É o conjunto de princípios, estratégias, diretrizes, ações e procedimentos para proteger a integridade dos meios físicos e bióticos, bem como dos grupos sociais que dele dependem.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: unidade de conservação. Faceta Espaço; licenciamento ambiental. Faceta processo.

125 Licenciamento ambiental

Procedimento no qual o poder público, representado por órgãos ambientais, autoriza e acompanha a implantação e a operação de atividades, que utilizam recursos naturais ou que sejam consideradas efetiva ou potencialmente poluidoras.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: FIRJAN. *Manual de Licenciamento ambiental: guia de procedimento passo a passo*. Rio de Janeiro: GMA, 2004.

Veja também: gestão ambiental. Faceta Processo.

126 Lixiviação

Processo pelo qual a matéria orgânica e os sais minerais são removidos do solo, de forma dissolvida, pela percolação da água da chuva. A lixiviação também ocorre em vazadouros e aterros de resíduos, quando são dissolvidos e carreados certos poluentes ali presentes para os corpos d'água superficiais e subterrâneos.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: AMADOR, E. S. *Extração de areia em faixas litorâneas*. Rio de Janeiro: FEEMA, 1990. 1 v.

Veja também: corpo d'água. Faceta Espaço.

127 Malacocultura

Atividade que consiste no cultivo de moluscos bivalves, ou seja, os que possuem duas conchas, como, por exemplo, ostras, mexilhões e mariscos.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: aquacultura. Faceta Processo.

128 Manejo

Aplicação de programas de utilização dos ecossistemas, naturais ou artificiais, baseada em princípios ecológicos, de modo que mantenha da melhor forma possível as comunidades vegetais e/ou animais como fontes úteis de produtos biológicos para os humanos e também como fontes de conhecimento científico e de lazer.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: ecossistema. Faceta Entidade; sustentabilidade; controle de vetores. Faceta Processo.

129 Marcador genético

Técnica utilizada em um conjunto de testes laboratoriais feitos com o genoma do animal, que permite identificar trechos no DNA responsáveis por características específicas, como capacidade de ganho de peso, produtividade e qualidade da carne.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: genética. Faceta Entidade.

130 Marcador molecular

Ver marcador genético.

131 Metanogênese

Processo de produção de metano (CH₄) efetuado por grupo altamente especializado de bactérias anaeróbias obrigatórias (metanógeno), usando CO₂ como aceptor terminal de *elétron*, convertendo-o a CH₄.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: GRISI, B. M. *Glossário de ecologia e ciências ambientais*. 3. ed. rev. ampl. João Pessoa: edição do autor, 2007.

Veja também: metano. Faceta Materiais.

132 Mitilicultura

Ramo da aquicultura que trata da criação de mexilhões.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios Instituto de Pesca. Glossário de termos biológicos e técnicos relacionados às áreas de atuação do Instituto de Pesca. São Paulo: Instituto da pesca, [2015].

Veja também: aquicultura. Faceta Processo.

133 Mineração

Extração de minerais existentes nas rochas e/ou no solo. Trata-se de uma atividade de natureza fundamentalmente econômica que também é referida, num sentido lato, como indústria extrativa mineral ou indústria de produtos minerais.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ÍNDICE de Geologia e Mineração. [Recife]: Departamento Nacional de Produção Mineral. Disponível em: <<http://www.dnpm-pe.gov.br/Geologia/Mineracao.php>>. Acesso em: 6 out. 2018.

Veja também: pressão antrópica. Faceta Fenômeno.

134 Mitigação das mudanças climáticas

Intervenção humana que visa minimizar as causas das mudanças climáticas para atenuar os impactos da mudança do clima ou abrandar sua magnitude em sistemas humanos e naturais.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ENCICLOPÉDIA discursiva da cidade. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete/view&id=231>>. Acesso em: 6 out. 2018.

Veja também: aquecimento global. Faceta Fenômeno; mudança climática. Faceta Processo; sequestro de carbono. Faceta processo.

135 Monitoramento ambiental

Ver biomonitoramento. Faceta Processo.

136 Mudança climática

Mudança no clima que possa ser direta ou indiretamente atribuída à atividade humana que altere a composição da atmosfera mundial e que se some àquela provocada pela variabilidade climática natural observada ao longo de períodos comparáveis.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: mitigação das mudanças climáticas. Faceta Processo.

137 Pesca artesanal

É caracterizada pela sua produção em uma escala menor e apresenta os fatores de importância social e econômico para as famílias que vivem às margens da costa brasileira. O pescado deve ser utilizado como forma de subsistência e, no máximo, em venda de comércio local.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: PESCA artesanal e suas características. MTK Brasil. Disponível em:

<<https://mtkbrasil.com.br/pesca-e-aventura/pesca-artesanal-e-suas-caracteristicas/>>. Acesso em: 6 out. 2018.

Veja também: pesca esportiva. Faceta processo.

138 Pesca esportiva

É aquela praticada com a finalidade de lazer e cujo produto não se destina à comercialização.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS (Paraná). Pesque vida: conceito de pesca amadora/esportiva. Disponível em:

<<http://www.meioambiente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=14>>. Acesso em: 6 out. 2018.

Veja também: pesca artesanal. Faceta processo.

139 Preservação ambiental

Conjunto de métodos, procedimentos e políticas que visem a proteção a longo prazo das espécies, habitats e ecossistemas, além da manutenção dos processos ecológicos, prevenindo a simplificação dos sistemas naturais.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BRASIL. Lei Federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Seção 1. p. 1 Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9985.htm>>. Acesso em: 15 set. 2018.

Veja também: educação ambiental. Faceta Processo.

140 Radiação

Emissão e propagação de energia através do espaço de um meio material sob a forma de ondas eletromagnéticas, sonoras etc.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: radiação ultravioleta. Faceta Processo.

141 Radiação ultravioleta

Radiação eletromagnética de frequência imediatamente acima da faixa sensível ao olho humano. Em excesso é altamente prejudicial à vida de uma forma geral, e nos humanos pode causar câncer de pele.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: radiação. Faceta Processo.

142 Reprodução

Procriação de seres com as mesmas características de seus progenitores.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: maturidade sexual morfológica. Faceta Tempo; fecundidade. Faceta Materiais, métodos e técnicas; Fenologia, polinizador, vivíparo. Faceta Entidade.

143 Sedimentação

Processo pelo qual se verifica a deposição de sedimentos ou de substâncias que poderão vir a ser mineralizados. Os depósitos sedimentares são resultantes da desagregação ou mesmo da decomposição de rochas primitivas. Esses depósitos podem ser de origem fluvial, marinha, glaciária, eólica, lacustre, etc.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: GUERRA, A. T. *Dicionário geológico geomorfológico*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1978. 446 p.

Veja também: bacia sedimentar. Faceta Espaço; sedimento. Faceta Materiais.

144 Sequestro de carbono

Retirada da atmosfera do excesso de dióxido de carbono (gás carbônico – CO₂) e outros gases poluentes provenientes da queima de combustíveis fósseis, biomassas e outras fontes. Esse processo consiste em utilizar mecanismos que permitam sua fixação no solo ou na biota, ou seja, nas partes lenhosas das plantas. O objetivo desta fixação é o de buscar o equilíbrio da participação do gás carbônico na atmosfera, diminuindo desta forma o superaquecimento da terra, ou seja, o chamado efeito estufa.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: mitigação das mudanças climáticas. Faceta Processo; balanço de carbono. Faceta Materiais.

145 Sucessão ecológica

Substituição sequencial de espécies vegetais e animais em uma comunidade biótica. Compreende todas as etapas do processo, desde a chegada das espécies pioneiras até o clímax. O processo de sucessão permite que o ecossistema se recomponha após sofrer um impacto.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: sucessão primária; sucessão secundária. Faceta Processo.

146 Sucessão primária

Sequência de populações que se desenvolve num habitat recentemente ausente de vida.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: sucessão. Faceta Processo.

147 Sucessão secundária

Progressão de populações em habitat onde a comunidade clímax foi removida.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: sucessão. Faceta Processo.

148 Sustentabilidade

Manejo do ambiente e seus recursos de modo que seu uso possa ser contínuo, sem diminuição no futuro.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: coleta seletiva; manejo. Faceta Processo.

149 Urbanização

Processo de criação ou de desenvolvimento de organismos urbanos segundo os princípios do urbanismo.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: pressão antrópica. Faceta Fenômeno.

Materiais (matéria-prima substância, elemento, massa, equipamentos, medidas)

150 Abiótico

Que não tem ou que não pertence à vida. Diz-se dos fatores químicos ou físicos naturais.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: biótico. Faceta Materiais.

151 Balanço de carbono

Cálculos feitos a partir das quantidades de carbono emitidas anualmente na forma de dióxido de carbono (CO₂) pela queima de combustíveis fósseis e mudanças dos usos da terra em relação ao que é reabsorvido pelos oceanos e pela biota terrestre.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: AZEVEDO, Camila de Araujo. Glossário do Efeito estufa. [S.l.]: e-Termos: ambiente colaborativo web. Disponível em: <<https://www.etermos.cnptia.embrapa.br/produtos/produto206.html>>. Acesso em: 17 set. 2018.

Veja também: sequestro de carbono. Faceta Processo.

152 Balanço hídrico

Método de quantificação dos fluxos de água no ambiente fundamentado na constatação empírica do funcionamento do ciclo hidrológico.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: corpo d'água. Faceta Espaço.

153 Bioindicador

Indicador biológico. Espécie, animal ou vegetal, que indica a existência de modificações orgânicas, físicas e químicas num ambiente.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: BIOINDICADOR. In: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: biomonitoramento. Faceta processo.

154 Biomarcador

Ver bioindicador.

155 Biótico

Refere-se aos organismos vivos, plantas e animais, de um ecossistema. relativo à vida.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: abiótico. Faceta Materiais.

156 Camera-trap

Ver armadilha fotográfica

157 Defensivo agrícola

São produtos químicos, físicos ou biológicos usados no controle de seres vivos considerados nocivos ao homem, sua criação e suas plantações.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: DEFENSIVOS agrícolas: como evitar danos à saúde e ao meio ambiente. [S.l.]: IPAM, 2012. 12 p. (Série boas práticas, 8).

Veja também: Diflubenzuron; Insect Growth Regulators; Pyriproxyfen. Faceta Materiais.

158 Diflubenzuron

Defensivo agrícola do tipo Inseticida, pertencente ao grupo químico benzoilureia usado no manejo florestal e em culturas de campo para controlar seletivamente as pragas de insetos, particularmente lagartas de mariposas, como Curuquerê (*Alabama argillacea*) ou Lagarta da soja (*Anticarsia gemmatalis*), gorgulhos e outros tipos de mariposas.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fontes: EXTTOXNET: The EXtensionTOXicologyNETwork. Diflubenzuron. Set. 1993. Disponível em: <<http://pmep.cce.cornell.edu/profiles/exttoxnet/dienochlor-glyphosate/diflubenzuron-ext.html>>. Acesso em: 11 set. 2018.

AGROLINK. Bula Diflubenzuron AGP 480 SC. In: AGROLINKFITO. Disponível em: <https://www.agrolink.com.br/agrolinkfito/produto/diflubenzuron-agp-480-sc_7807.html>. Acesso em: 11 set. 2018.

Veja também: *defensivo agrícola. Faceta Materiais.*

159 Diversidade funcional

Medida para avaliar a influência das espécies nos processos ecológicos, levando em conta diferenças morfológicas, ecológicas e comportamentais entre as espécies e indivíduos.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental

Fonte: CALAÇA, Analice Maria; GRELE, Carlos Eduardo Viveiros. Diversidade funcional de comunidades: discussões conceituais e importantes avanços metodológicos. *Oecologia Australis*, [S.l.], v. 20, n. 4, p. 401-416, 2016. Disponível em: <10.4257/oeco.2016.2004.01>. Acesso em: 2 out. 2018.

Veja também: *Ecologia. Faceta Entidade.*

160 Efluente

Qualquer líquido que flui de um sistema de coleta, de tratamento ou de disposição final sejam ele de procedência doméstica, agrícola ou industrial.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: *corpo d'água. Faceta Espaço.*

161 Fecundidade

Taxa na qual um indivíduo produz descendentes, filhotes.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: reprodução. Faceta Processo.

162 Fluviometria

Parte da Hidrometria, que se destina à medição das principais variáveis de um curso d'água, notadamente os níveis d'água e as descargas (ou vazões) líquidas.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: EMÍLIO, Luis. *Apostila fluviometria CTH*. Porto Alegre: edição do autor, 2016. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/cth-iph/wp-content/uploads/2016/03/Apostila-de-fluviometria-prof-Luis-Emilio.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Veja também: pluviometria. Faceta Materiais.

163 Folha

Órgão lateral fundamental, comumente com forma laminar, cor verde, que brota do caule ou dos ramos de plantas, e cuja função principal é realizar a fotossíntese, com a produção de carboidratos.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: fotossíntese. Faceta Processo.

164 Gene

Geralmente uma unidade de herança genética. Em bioquímica, o gene refere-se à parte da molécula de DNA que modifica uma única enzima ou estrutura proteica.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: expressão gênica. Faceta Processo; genotoxicidade; Haplótipo. Faceta Propriedade; Genética. Faceta Entidade.

165 Granulometria

Medição das dimensões dos componentes clássicos de um sedimento. Composição de um sedimento quanto ao tamanho. Mais comumente feito com o auxílio de peneiras granulométricas.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: estrutura e reconhecimento.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: sedimentação. Faceta Processo.

166 Herbário

Coleção de espécies vegetais secos e prensados, arranjados de forma sistemática e que servem de referência taxonômica para identificação e classificação de outras espécies.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: taxonomia. Faceta Materiais.

167 Hidrocarboneto

Nome genérico dado aos compostos químicos construídos basicamente de carbono e hidrogênio, tais como petróleo e o carvão mineral.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: petróleo. Faceta Materiais.

168 Índice de diversidade

Medida da variedade de taxa numa comunidade, que leva em conta a abundância relativa de cada uma.

Linha de pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: Ecologia. Faceta Entidade.

169 Insect Growth Regulators

Insect Growth Regulators (IGRs) são defensivos agrícolas do tipo larvicida utilizados para o controle do mosquito *Aedes aegypti* de campo, da cepa Rockefeller. Os IGRs atuam principalmente durante o desenvolvimento do inseto, incluindo o desenvolvimento embrionário e larval, prejudicando a muda e/ou a metamorfose, seja por interferência direta com estes processos, seja por alteração do sistema endócrino do inseto.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Fisiologia e Controle de Artrópodes Vetores. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/ioclabs/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=862>>. Acesso em: 11 set. 2018.

Veja também: defensivo agrícola. Faceta Materiais.

170 Macronutriente

São nutrientes essenciais para o desenvolvimento das plantas e são consumidos por elas em maior quantidade. São eles: oxigênio, hidrogênio, nitrogênio, fósforo, potássio, cálcio, magnésio e enxofre.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: nutriente. Faceta Materiais.

171 Matéria orgânica

Matéria de origem animal, vegetal ou microbiana, viva ou morta em qualquer estado de conservação, passível de decomposição.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: decomposição. Faceta Processo; produtividade primária. Faceta Materiais.

172 Mecanismos de Desenvolvimento Limpo (MDL)

Consiste no desenvolvimento de projetos que reduzam a emissão de gases de efeito estufa. Os projetos no âmbito do MDL são implementados em países menos desenvolvidos e em desenvolvimento, os quais podem vender as reduções de emissão de Gases de Efeito Estufa (GEE), denominadas Reduções Certificadas de Emissão (RCEs) para os países desenvolvidos, auxiliando-os assim a cumprir as suas metas e compromissos de redução de GEE assumidos junto ao Protocolo de Quioto.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. *Mecanismo de Desenvolvimento Limpo*. Disponível em: <<https://goo.gl/y7uGRC>>. Acesso em: 5 out. 2018.

Veja também: efeito estufa. Faceta Fenômeno.

173 Metabólito

Substância produzida por um organismo a partir de processos metabólicos. Fala-se em metabólito primário, produzido e utilizado pelo próprio organismo e em metabólito secundário, produzido pelo organismo, mas que não é por ele utilizado diretamente.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: GRISI, B. M. *Glossário de ecologia e ciências ambientais*. 3. ed. rev. ampl. João Pessoa: edição do autor, 2007.

Veja também: nutriente. Faceta Materiais.

174 Metal pesado

Pertence ao grupo dos metais de alto peso molecular e são prejudiciais ao ambiente, incluindo os seres humanos, por não serem biodegradáveis. Os principais são antimônio, arsênio, berílio, bismuto, mercúrio, chumbo, cobre, zinco, cádmio, níquel e cromo.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: biossorção. Faceta Processo.

175 Metano

Gás inflamável que participa ativamente do efeito estufa. Emana de diversas fontes, sendo as principais: lago, regiões pantanosas (mangues, brejos, arrozais...) estômago dos ruminantes, flatulência de diversos animais (incluindo-se o ser humano). Estima-se que somente dos arrozais emanam 20% de metano do total mundial.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: GRISI, B. M. *Glossário de ecologia e ciências ambientais*. 3. ed. rev. ampl. João Pessoa: edição do autor, 2007.

Veja também: metanogênese. Faceta Processo; Microrganismo metanotrófico. Faceta Entidade.

176 Nutriente

Qualquer substância do meio ambiente seja ela orgânica ou inorgânica indispensável ao desenvolvimento de uma planta, animal ou de qualquer outra espécie de organismo vivo.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: macronutriente; metabólito. Faceta Materiais.

177 Pescado

Todo animal que vive normalmente em água doce ou salgada e que é utilizado para a alimentação.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: FURTADO, Angela Aparecida Lemos . Pescados. In: *ÁRVORE do conhecimento: Tecnologia de Alimentos*. Brasília, DF: Agência Embrapa de Informação Tecnológica. Disponível em: <<https://goo.gl/p2CFLe>>. Acesso em: 6 out. 2018.

Veja também: pesca artesanal; pesca esportiva. Faceta Processo.

178 Petróleo

Combustível líquido, escuro ou amarelo esverdeado, formado por uma mistura de hidrocarbonetos, isto é, compostos de carbono e hidrogênio.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: hidrocarboneto. Faceta Materiais.

179 Política Nacional de Resíduos Sólidos

Prevê a prevenção e a redução na geração de resíduos, tendo como proposta a prática de hábitos de consumo sustentável e um conjunto de instrumentos para propiciar o aumento da reciclagem e da reutilização dos resíduos sólidos (aquilo que tem valor econômico e pode ser reciclado ou reaproveitado) e a destinação ambientalmente adequada dos rejeitos (aquilo que não pode ser reciclado ou reutilizado).

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 3 ago. 2010. Seção 1, p. 3.

Veja também: poluição. Faceta Processo; resíduos sólidos. Faceta Materiais.

180 Produtividade primária

Quantidade de matéria orgânica produzida por organismo autotrófico, a partir de substâncias inorgânicas, durante um certo intervalo de tempo, numa determinada área ou volume.

Agente que favorece o transporte de pólen de uma flor a outra, favorecendo a reprodução cruzada.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: matéria orgânica. Faceta Materiais.

181 Pyriproxyfen

Defensivo agrícola do tipo regulador de crescimento de insetos com atividade inseticida contra pragas de insetos de saúde pública: moscas domésticas, mosquitos e baratas. Na agricultura e horticultura, o piriproxifeno pode ser utilizado no controle de insetos-escama, mosca branca, lagarta do algodão, cicadelídeos, pulgões e *cutworms*.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. Pyriproxyfen. Não publicado. Disponível em:

<http://www.fao.org/fileadmin/templates/agphome/documents/Pests_Pesticides/JMPR/Evaluation99/25Pyriproxyfen.pdf>. Acesso em: 11 set. 2018.

Veja também: defensivo agrícola. Faceta Materiais.

182 Razão sexual

Razão entre o número de indivíduos de um sexo e o número de indivíduos do outro sexo numa população.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: população. Faceta Entidade.

183 Rede de emalhe

Método de pesca que utiliza uma rede de forma retangular com um, dois, ou três panos mantidas em posição vertical por cabos de flutuação e cabos de lastros usados isolados ou em caçadas.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: PORTUGAL. Direção Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos. Redes de emalhar e de tresmalho. Disponível em: <<https://www.dgrm.mm.gov.pt/redes-de-emalhar>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Veja também: pesca artesanal. Faceta Processo.

184 Rejeito

Material que sobra sem aplicação útil imediata após uma atividade qualquer; se esta atividade for industrial, diz-se que é um rejeito, resíduo ou efluente industrial.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: resíduos sólidos. Faceta Materiais.

185 Resíduos sólidos

Resíduos nos estados sólido e semissólido, que resultam de atividades da comunidade, de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição de ruas.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: Política Nacional de Resíduos Sólidos; rejeito. Faceta Materiais.

186 Sedimento

Material oriundo da destruição de rochas preexistentes, que são transportadas e depositadas em ambientes continentais ou marinhos.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: sedimentação. Faceta Processo.

187 Serapilheira

Camada de folhas, galhos e matéria orgânica morta que cobre o solo das matas.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: floresta. Faceta espaço.

188 Substrato

Qualquer material que contém nutriente e que serve de base para o desenvolvimento de um organismo.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: substrato consolidado; substrato inconsolidado. Faceta Materiais.

189 Substrato consolidado

Substrato o qual os organismos podem ficar aderidos à sua superfície, como rochas, plantas aquáticas, folhas depositadas no fundo dos rios dentre outros.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: FERRO, J. *Macroinverte...o que?* Laboratório de Limnologia/UFRJ, Rio de Janeiro, 20 mar. 2013. Blog. Disponível em: <<https://limnonews.wordpress.com/2013/03/20/macroinverte-o-que/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

Veja também: substrato. Faceta Materiais.

190 Substrato inconsolidado

Sedimento de fundo dos ecossistemas aquáticos, que podem ser argilosos, arenosos, de cascalho, dentre outros. Os organismos bentônicos ficam enterrados neste solo.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: FERRO, J. *Macroinverte...o que?* Laboratório de Limnologia/UFRJ, Rio de Janeiro, 20 mar. 2013. Blog. Disponível em: <<https://limnonews.wordpress.com/2013/03/20/macroinverte-o-que/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

Veja também: ecossistemas aquáticos. Faceta Entidade. substrato. Faceta Materiais, métodos e técnicas.

191 Táxon

Qualquer categoria taxonômica, p. ex. gênero, espécie, família, etc. Plural: taxa.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: taxonomia. Faceta Materiais, métodos e técnicas; filo, família, reino, taxocenose. Faceta Entidade.

192 Taxonomia

Descrição, nomeação e classificação dos organismos. A ciência (e arte) de classificar organismos. O estudo científico da diversidade da vida, incluindo os procedimentos de classificação pura e reconstrução da filogenia (relação entre as espécies).

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: táxon. Faceta Materiais; etnoictiologia. Faceta Entidade.

Propriedade (característica, atributo, peculiaridade, qualidade)

193 Abiótico

Que não tem ou que não pertence à vida. Diz-se dos fatores químicos ou físicos naturais.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: biótico. Faceta Materiais.

194 Agroflorestal

Qualidade do método de cultivo que integra culturas herbáceas e arbóreas.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: floresta. Faceta espaço.

195 Bêntico

Ver bentônico.

196 Bentônico

Aquele que desenvolve seu nicho no bento.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: bentos. Faceta Entidade.

197 Estrutura populacional

Conjunto das características genéticas e demográficas de uma espécie, que resulta da ação e das interações de uma série de mecanismos evolutivos e ecológicos.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: MARTINS, P. S. Estrutura populacional, fluxo gênico e conservação "in situ". *IPEF*, [S.l.], n. 35, p. 71-78, abr.1987. Disponível em: <<http://www.ipef.br/publicacoes/scientia/nr35/cap05.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2018.

Vaja também: população. Faceta Entidade.

198 Espécie

Unidade básica de classificação da vida, compreendendo uma população ou série de populações de organismos similares e intimamente aparentados. Nos organismos de reprodução sexuada, uma espécie é definida mais especificamente pelo conceito de espécie biológica.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: espécie ameaçada; espécie biológica; espécie cosmopolita; espécie críptica; espécie dulcícola; espécie exótica; espécie protândrica. Faceta Entidade.

199 Espécie ameaçada

Espécie biológica próxima da extinção. Aplica-se a uma espécie com população tão reduzida ou frágil que está fadada ou com tendência ao total desaparecimento.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: espécie. Faceta Entidade.

200 Espécie biológica

Uma população ou série de populações de organismos naturais, que se inter cruzam livremente umas com as outras em condições naturais, mas que não se cruzam com membros de outras espécies.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: espécie. Faceta Entidade.

201 Espécie cosmopolita

São aquelas que se encontram distribuídas em pelo menos 2/3 da superfície terrestre e estão presentes em todos os continentes com exceção da Antártida.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: ESPÉCIES Cosmopolitas. [S.l.]: BIOGEOGRAFIA UFSM, 3 jun. 2010. Disponível em: <<http://biogeografia-ufsm.blogspot.com/2010/06/especies-cosmopolitas.html>>. Acesso em: 2 out. 2018.

Veja também: espécie. Faceta Entidade.

202 Espécie críptica

Espécies biológicas que são difíceis ou impossíveis de serem distinguidas uma da outra por caracteres morfológicos.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: espécie. Faceta Entidade.

203 Espécie dulcícola

Espécie que se desenvolve e vive em água doce.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: DULCÍCOLA. In: GLOSSÁRIO PteridologiaMatogrossense. Nova Xavantina: UNEMAT.
Disponível em: <<https://sites.google.com/a/unemat.br/pteridologia/pteridologia-/glossario>>.
Acesso em: 2 out. 2018.

Veja também: espécie. Faceta Entidade.

204 Espécie exótica

Espécie biológica que não ocorre naturalmente num ambiente, tendo sido introduzida acidental ou intencionalmente pelos humanos, p. ex. os coelhos na Austrália.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. Dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: espécie. Faceta Entidade.

205 Espécie protândrica

Espécie hermafroditas nas quais o sistema genital masculino matura antes do feminino.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: CARVALHO, O. S.; COELHO, P. M. Z.; LENZI, H. L. (Org.). Glossário. In: SCHITOSOMA mansonii e esquistossomose: uma visão multidisciplinar. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2008. p. 1085-1103.

Veja também: espécie. Faceta Entidade.

206 Filo

Uma classificação taxonômica no nível abaixo do Reino e acima da Classe na classificação biológica, especialmente de animais.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: PHYLUM. In: BIOLOGY online dictionary. New York, NY: Biology Online. Disponível em: <<https://www.biology-online.org/dictionary/Phylum>>. Acesso em: 3 out. 2018.

Veja também: Fitofisionomia. Faceta Propriedade; táxon. Faceta Materiais.

207 Fitodiversidade

Conjunto formado por todas as espécies botânicas, nomeadamente em determinada região, pelos seus ecossistemas e pela sua diversidade genética.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: FITODIVERSIDADE. In: Priberam dicionário. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/fitodiversidade>>. Acesso em: 2 out. 2018.

Veja também: flora. Faceta Entidade.

208 Fitofisionomia

Refere-se à aparência de um certo tipo de vegetação, independentemente de sua composição taxonômica, ou seja, refere-se à estruturação do ecossistema, em termos de seus estratos vegetativos.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: GRISI, B. M. *Glossário de ecologia e ciências ambientais*. 3. ed. rev. ampl. João Pessoa: edição do autor, 2007.

Veja também: fitodiversidade. Faceta Propriedade.

209 Gênero

A classificação dentro do grupo de gênero, que está abaixo do grupo família e acima de subgênero. Um táxon no nível do gênero.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: INTERNATIONAL COMMISSION ON ZOOLOGICAL NOMENCLATURE. *International Code of Zoological Nomenclature*. 4th ed. London: The International Trust for Zoological Nomenclature, 1999. 149 p. Adopted by the International Union of Biological Sciences.

Veja também: táxon. Faceta Materiais.

210 Genotoxicidade

A capacidade que algumas substâncias têm de induzir alterações no material genético de organismos a elas expostos, e essas alterações são responsáveis pelo surgimento de cânceres e doenças hereditárias.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: KOLLING, D. J. et al. Padronização in vitro da técnica do micronúcleo em células vero para detecção de genotoxicidade. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 58., 2006, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: SBPC, 2006. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/58ra/senior/resumos/resumo_1406.html>. Acesso em: 3 out. 2018.

Veja também: gene. Faceta Entidade.

211 Haplótipo

Constituição genética de indivíduos, em relação a um membro de um par de genes alelos ou grupos de genes intimamente ligados e que tendem a ser herdados em conjunto, como os do complexo principal de histocompatibilidade.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: HAPLÓTIPO. In: DESCRITORES em Ciência da Saúde. [S.l.]: Biblioteca Virtual em Saúde. Disponível em: <<http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decserver/>>. Acesso em: 3 out. 2018.

Veja também: gene. Faceta Entidade.

212 Herbivoria

Tipo de predatismo entre um animal herbívoro e os vegetais de que se alimenta.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: cadeia alimentar. Faceta Processo.

213 Pluvial

Relativo à chuva.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: pluviosidade. Faceta Propriedade. Pluviometria. Faceta Entidade.

214 Pluviosidade

Quantidade de chuva que precipita em uma determinada área ou região.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: pluvial. Faceta Propriedade.

215 Trófico

Relativo a alimento. Nível trófico é a posição da cadeia alimentar.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: nível trófico. Faceta Entidade; cadeia alimentar. Faceta processo.

216 Variável ambiental

Um determinado atributo do ambiente que está em estudo, ou que tem influência relevante para a pesquisa que se realiza.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: ambiente. Faceta Espaço.

Entidade (personalidade, indivíduo, ente, ser, criatura, essência, conhecimento, doença)

217 Anaeróbico

Organismo que vive independente da presença de oxigênio.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: organismo. Faceta Entidade.

218 Arbovirose

Doença de origem virótica provocada por um arbovírus.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: arbovírus. Faceta Entidade.

219 Arbovírus

Vírus transmitidos por artrópodes. Indivíduo de um grande grupo de vírus que contêm RNZ, e que podem infectar tanto artrópodes (mosquitos, p. x.) quanto vertebrados (humanos, p. ex.). Frequentemente são transmitidos aos humanos por insetos sugadores de sangue, como mosquitos e carrapatos.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: arbovirose. Faceta Entidade.

220 Arbusto

Vegetal lenhoso, ramificado, com altura de até 5 metros e lignificado em toda sua extensão. Difere das árvores pela altura menor, e pelos vários fustes ou galhos bastante ramificados.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: *flora. Faceta Entidade*.

221 Bacterioplâncton

É constituído por organismos do reino Monera, seu tamanho varia entre 0,2 e 2µm. É composto principalmente por cianobactérias, organismos unicelulares procariotos que se reproduzem por cissiparidade. São capazes de realizar fotossíntese, mas com participação muito pequena no processo de criação da matéria orgânica de origem aquática.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: PLÂNCTON: bacterioplâncton e fitoplâncton. Ciências do mar: ciência, notícias e vida marinha, [S.l.], 3 jun. 2018. Disponível em:
<<https://www.cienciasdomar.com/2017/01/plancton-bacterioplancton-e-fitoplancton.html>>.
Acesso em: 16 out. 2018.

Veja também: *plâncton. Faceta Entidade*.

222 Bentos

Organismos que vivem em associação com fundo sólido de um corpo d'água. Zoobenton (animais) e fitobenton (vegetais) ou sobre outro ser vivo.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: bentônico. Faceta Propriedade; biorrevolvimento. Faceta Processo.

223 Biodiversidade

Total de genes, espécies e ecossistemas de uma região. A biodiversidade genética refere-se à variação dos genes dentro das espécies, cobrindo diferentes populações da mesma espécie ou a variação genética dentro de uma população. A diversidade de espécies refere-se à variedade de espécies existentes dentro de uma região. A diversidade de ecossistemas refere-se à variedade de ecossistemas de uma dada região.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.
Não paginado.

Veja também: diversidade de espécies; diversidade genética. Faceta entidade.

224 Biologia do desenvolvimento

Estudo das mudanças biológicas (anatômicas, morfológicas, fisiológicas etc.) que ocorrem num organismo vivo durante o seu ciclo vital.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: GRISI, B. M. *Glossário de ecologia e ciências ambientais*. 3. ed. rev. ampl. João Pessoa: edição do autor, 2007.

Veja também: organismo. Faceta Entidade.

225 Biomassa

Quantidade total de organismos vivos existentes em um determinado território e em dado momento.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: ambiente. Faceta Espaço. Ecossistema, organismo. Faceta Entidade.

226 Biosfera

É o conjunto de todos os ambientes onde há vida na terra, envolve a crosta terrestre, as águas e a atmosfera.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: Ambiente. Faceta Espaço; Ecossistema. Faceta Entidade.

227 Composição florística

Estudo realizado a fim de se avaliar as diversidades para recomposição de espécies existentes em uma área.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: CALDEIRA, D. R. M. et al. Estudo da composição florística de espécies arbóreas para recomposição de matas ripárias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 2., 2011, Londrina. *Anais eletrônicos...* Londrina: Instituto Brasileiro de Estudos Ambientais, 2011. Disponível em: <<http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2011/VI-015.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2018.

Veja também: Análise de correspondência canônica. Faceta processo.

228 Diversidade de espécies

Número de unidades taxonômicas (famílias, gêneros, espécies, etc.) numa determinada região. Também uma medida da variedade de taxa numa comunidade, considerando a abundância relativa de cada espécie (diversidade de espécies).

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: biodiversidade. Faceta Entidade.

229 Diversidade genética

É a soma da informação genética contida nos genes dos indivíduos das plantas, animais e microrganismos. Cada espécie é um repositório de imensa quantidade de informação genética.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: PEARCE, D.; MORAN, D. *The Economic Value of Biodiversity*. London: Earthscan, 1994. 106 p.

Veja também: biodiversidade. Faceta Entidade.

230 Ecofisiologia

Estudo dos processos fisiológicos de um organismo em relação às condições ambientais do habitat em que ele vive. É uma subdivisão da ecologia.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: GRISI, B. M. *Glossário de ecologia e ciências ambientais*. 3. ed. rev. ampl. João Pessoa: edição do autor, 2007.

Veja também: Ecologia. Faceta Entidade.

231 Ecohidrologia

Abordagem nas ciências ambientais que promove a integração entre a hidrologia e a ecologia para a gestão sustentável dos recursos hídricos.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: UNESCO. Representação da Unesco no Brasil. Meio ambiente: recursos hídricos. 2017. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/natural-sciences/environment/water-resources/ecohydrology-programme-in-brazil/>>. Acesso em: 19 set. 2018.

Veja também: Ecologia; Hidrologia. Faceta Entidade.

232 Ecologia

Ciência que estuda a dinâmica dos ecossistemas, ou seja, os processos e as interações de todos os seres vivos entre si e destes com os aspectos morfológicos, químicos e físicos do ambiente, incluindo os humanos que interferem e interagem com os sistemas naturais do planeta.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental:

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: ecofisiologia; ecologia; ecologia de água doce; ecologia marinha; ecologia dos estuários; ecologia de populações; ecossistema, ecotoxicologia; etnoecologia, meio ambiente; metacomunidades. Faceta Entidade.

233 Ecologia marinha

A ecologia marinha estuda a totalidade, ou os padrões das relações entre os organismos e o meio ambiente.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: ODUM, E. P. *Fundamentos da ecologia*. 7.ed. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2004.

Veja também: Ecologia. Faceta Entidade.

234 Ecologia de populações

Parte da ecologia que estuda as variações, no tempo e espaço, do tamanho e densidade das populações e os fatores que causam tais variações.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: GRISI, B. M. *Glossário de ecologia e ciências ambientais*. 3. ed. rev. ampl. João Pessoa: edição do autor, 2007.

Veja também: Ecologia. Faceta Entidade.

235 Ecossistema

Sistema natural, aberto, que inclui, em uma certa área, todos os fatores físicos e biológicos (elementos bióticos e abióticos) daquele ambiente e suas interações. Envolve o conjunto de relações entre os seres vivos entre si e com o ambiente onde habitam.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: ambiente; ecossistemas aquáticos; ecossistemas lênticos; ecossistema costeiro; ecossistema de macaé. Faceta espaço; manejo. Faceta Processo; Ecologia; guilda ecológica. Faceta Entidade.

236 Ecotoxicologia

Estudo do efeito das substâncias tóxicas de origem antrópica na flora e fauna silvestres.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: Ecologia. Faceta Entidade.

237 Etnoecologia

Estudo da relação do ser humano (considerando-se geralmente seus agrupamentos, raças ou etnias etc) com o ambiente em que vivem.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: GRISI, B. M. *Glossário de ecologia e ciências ambientais*. 3. ed. rev. ampl. João Pessoa: edição do autor, 2007.

Veja também: Ecologia. Faceta Entidade.

238 Etnoictiologia

Estudo da classificação dos peixes baseada em conhecimento popular.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: PAZ, V. A.; BEGOSSI, A. Ethnoichthyologia de pescadores da Gamboa da Baía de Sepetiba, Brasil. *Journal of Ethnobiology*, [S.l.], v. 16, n. 2, p.157-168, 1996.

Veja também: taxonomia. Faceta Materiais; ictiofauna. Faceta Entidade.

239 Família

Grupo de indivíduos diretamente relacionados entre si em virtude de descenderem todos de um ancestral comum podendo conter um ou mais gêneros.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: táxon. Faceta Entidade.

240 Fenologia

Estudo das relações dos processos biológicos periódicos com o clima. Por exemplo, floração e frutificação em plantas; migração e reprodução em animais.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: reprodução. Faceta Processo.

241 Fitoplâncton

Organismos vegetais, geralmente microscópicos que constituem a base da cadeia alimentar dos ambientes aquáticos. É o responsável pela maior parte do O₂ da atmosfera terrestre.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: plâncton. Faceta Entidade.

242 Fitossociologia

Ramo da botânica que estuda as comunidades vegetais envolvendo todos os fenômenos que se relacionam com a vida das plantas dentro das unidades sociais como o solo e o clima.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: flora. Faceta Entidade.

243 Flora

Toda a vegetação de um determinado local.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: fitodiversidade. Faceta Propriedade; fitossociologia; florística. Faceta Entidade.

244 Florística

Estudo total ou parcial da flora de uma região, local, ecossistema ou época.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: GLOSSÁRIO de ecologia. 2. ed. ver. ampl. São Paulo: CNPq, 1997. (Publicação ACIESP, 103).

Veja também: composição florística. Faceta Materiais, métodos e técnicas; Flora. Faceta Entidade.

245 Genética

Ramo da Biologia que estuda a hereditariedade. Ocupa-se das diferenças entre os seres vivos, suas causas e dos mecanismos e leis que regem a transmissão dos caracteres individuais.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: marcador genético. Faceta Processo; gene. Faceta Materiais.

246 Geomorfologia

Ciência que estuda o relevo da superfície terrestre, sua classificação, descrição, natureza, origem e evolução, incluindo a análise dos processos formadores da paisagem. Pode ainda ser inserido o estudo das feições submarinas.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: geoquímica; geotecnologia. Faceta Entidade.

247 Geoquímica

Ramo da geologia que estuda a composição química de constituintes do nosso planeta e de outros corpos celestes, desenvolvendo modelos com proposições científicas sobre a origem, migração e fixação de elementos químicos e seus isótopos, permitindo aplicações diversas como o estudo e a localização de concentrações de minérios, estudos ambientais e paleoambientais, datações de rochas, condições termodinâmicas de formação de minerais e rochas.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: WINGE, M. et. al. *Glossário geológico ilustrado*. Brasília, DF: Instituto de Geociências, UnB. Disponível em: <<http://sigep.cprm.gov.br/glossario/>>. Acesso em: 3 out. 2018.

Veja também: geomorfologia. Faceta Entidade.

248 Geotecnologia

Conjunto de tecnologias utilizadas para realizar a coleta, o processamento, análise e disponibilização de informações com referência geográfica de uma determinada localidade.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: O QUE é Geotecnologia? Ribeirão Preto: São Paulo: Santiago e Cintra. Disponível em: <<https://www.santiagoecintra.com.br/blog/geo-tecnologias/o-que-e-geotecnologia>>. Acesso em: 3 out. 2018.

Veja também: geomorfologia. Faceta Entidade.

249 Gradiente ecológico

Designação genérica da variação espacial contínua de qualquer conjunto de organismos (populações ou comunidades), seja de seus caracteres ou de um ou mais fatores abióticos.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: dinâmica populacional. Faceta Processo.

250 Guilda ecológica

Conjunto de indivíduos ecologicamente semelhantes ou com características ecológicas aproximadas. Assim, existe guilda trófica, reprodutiva, migratória etc.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: ecossistema. Faceta Entidade.

251 Helmintos

Este grupo (vulgarmente conhecido como de vermes parasitas) inclui acantocéfalos, nematoides e platelmintos. São considerados helmintos (por alguns autores) algumas espécies de sanguessugas que podem se tornar temporariamente parasitas.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: HELMINTOS. In: DESCRITORES em Ciência da Saúde. [S.l.]: Biblioteca Virtual em Saúde.

Disponível em: <<http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decserver/>>. Acesso em: 3 out. 2018.

Veja também: parasita. Faceta Entidade.

252 Hidrologia

Ciência que trata da ocorrência, distribuição e do movimento das águas subterrâneas, levando em consideração suas propriedades físicas e químicas, suas interações com os meios físico e biológico e suas reações à ação do homem.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: lençol freático. Faceta Espaço; Ecohidrologia. Faceta Entidade.

253 Ictiofauna

Conjunto das espécies de peixes que existem numa determinada região biogeográfica.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ICTIOFAUNA. In: PEIXE vivo: glossário. [S.l.]: Cemig. Disponível em:

<<https://goo.gl/mgcsMM>>. Acesso em: 3 out. 2018.

Veja também: etnoictiologia. Faceta Entidade.

254 Legislação ambiental

No Brasil, a legislação ambiental é definida por 16 leis principais que regulamentam a conduta humana e empresarial em relação ao meio ambiente. São elas: Lei do Patrimônio Cultural; Lei das Florestas; Lei da Fauna Silvestre; Lei das Atividades Nucleares; Lei do Parcelamento do

Solo Urbano; Lei de Zoneamento Industrial nas Áreas Críticas de Poluição; Lei de Proteção Ambiental; Lei da Política Nacional do Meio Ambiente; Lei do Gerenciamento Costeiro; Lei da Criação do Ibama; Lei dos Agrotóxicos; Lei da Exploração Mineral; Lei da Política Agrícola; Lei da Engenharia Genética; Lei de Recursos Hídricos; Lei de Crimes Ambientais.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: CONHEÇA a Legislação Ambiental Brasileira. Direitos Brasil. Disponível em: <<https://direitosbrasil.com/conheca-legislacao-ambiental-brasileira/>>. Acesso em: 3 out. 2018.

Veja também: unidade de conservação. Faceta Espaço.

255 Limnologia

Estudo dos corpos d'água continental do planeta, incluindo lagos, represas, rios, lagoas de costeiras, pântanos, lagos salinos, estuários e áreas pantanosas em regiões costeiras.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: corpo d'água. Faceta Espaço.

256 Macroalga

Espécies de algas suficientemente grandes para serem visíveis a olho nu, como os sargaços, os *fucus* (*Fucus*), e a alface-do-mar (*Ulva*).

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: MACROALGAS. In: ART, H. W. (Ed.). *Dicionário de ecologia e ciências ambientais*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Melhoramentos, 1998. 583 p.

Veja também: macrófitas aquáticas. Faceta Entidade.

257 Macrófitas aquáticas

São, em sua maioria, vegetais terrestres que ao longo de seu processo evolutivo, se adaptaram ao ambiente aquático, apresentando algumas características de vegetais terrestres e uma grande capacidade de adaptação a diferentes tipos de ambientes.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: macroalga. Faceta Entidade.

258 Macroinvertebrados aquáticos

Grupo de organismos invertebrados aquáticos visíveis a olho nu, como insetos, crustáceos, moluscos, entre outros.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BUSS, D. F. et al. Macroinvertebrados aquáticos como bioindicadores no processo de licenciamento ambiental no Brasil. *Biodiversidade Brasileira*, [S.l.], v. 6, n. 1. P. 100-113, jan. 2016. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/revistaelectronica/index.php/BioBR/article/view/535/458>>. Acesso em: 3 out. 2018.

Veja também: ambiente aquático. Faceta Espaço; macroinvertebrados bentônicos. Faceta Entidade.

259 Macroinvertebrados bentônicos

São organismos aquáticos de hábito bentônico, isto é, que habitam o fundo de rios e lagos aderidos a pedras, cascalhos e folhas ou enterrados na lama ou areia. São sensíveis a poluição ou degradação dos ecossistemas aquáticos, por isso são utilizados como bioindicadores para avaliar a qualidade de água.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: MACROINVERTEBRADOS bentônicos. Manuelzaovaiascola, 5 ago. 2012. Disponível em: <<https://manuelzaovaiascola.wordpress.com/2012/08/05/macroinvertebrados-bentonicos/>>. Acesso em: 5 out. 2018.

Veja também: Macroinvertebrados aquáticos. Faceta Entidade.

260 Meio ambiente

O conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas .

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BRASIL. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2 set. 1981. Seção 1, p. 16509.

Veja também: Ecologia. Faceta Entidade.

261 Metacomunidade

Conjunto de comunidades ecológicas espacialmente isoladas, que interagem pelo intercâmbio de organismos, genes e energia. Relevante na compreensão da biodiversidade local e regional e para a restauração ecológica.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: CONCEITOS e definições correlatos à ciência e à prática da restauração ecológica. *IF Sér. Reg.*, São Paulo, n. 44 p. 1-38, ago. 2011.

Veja também: Ecologia; Teoria de Metacomunidades. Faceta Entidade.

262 Microrganismo metanotrófico

Organismo capaz de oxidar metano.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SINISCALCHI, Luciene Alves Batista. Enriquecimento de micro-organismos metanotróficos e avaliação do potencial de oxidação anaeróbia de metano a partir de lodo de reator UASB. 2015.

182 f. Tese (Doutorado em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos) – Escola de Engenharia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

Veja também: metano. Faceta Materiais.

263 Morfologia

Estudo das formas que a matéria pode tomar. Ramo da Biologia que estuda a forma e estrutura dos organismos.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: morfometria geométrica. Faceta Entidade.

264 Morfometria geométrica

Abordagem para o estudo da forma utilizando métodos estatísticos.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: morfologia. Faceta Entidade.

265 Nível trófico

Posição de um organismo na cadeia alimentar, determinada pelo número de passos de transferência de energia e matéria até aquele nível.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: trófico. Faceta Entidade; cadeia alimentar. Faceta Processo.

266 Organismo

Toda entidade biológica capaz de reproduzir e/ou transferir material genético.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: anaeróbico; biologia de desenvolvimento; biomassa. Faceta Entidade.

267 Parasita

Organismo que vive no interior de um outro, chamado hospedeiro, ou sobre ele, obtendo os nutrientes a partir dele.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: helmintos. Faceta Entidade.

268 Peixe estuarino

Espécie que pode completar todo o ciclo de vida no estuário.

Linha de pesquisa: Biodiversidade: estrutura e reconhecimento.

Fonte: FISCHER, Luciano Gomes; PEREIRA, Luiz Eduardo Dias; VIEIRA, João Paes. *Peixes estuarinos e costeiros*. 2 ed. Rio Grande: edição dos autores, 2004.

Veja também: estuário. Faceta Espaço.

269 Plâncton

Conjunto de plantas (fitoplâncton) e de animais (zooplâncton) aquáticos microscópicos que vivem em suspensão em água doce, salobra e salgada.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: bacterioplâncton; fitoplâncton; zooplâncton. Faceta Entidade.

270 Pluviometria

Estudo da precipitação incluindo sua natureza, distribuição e técnicas de medição.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL. *Glossário*. [Brasília, DF], 2017. Disponível em: <<http://www.anac.gov.br/assuntos/setor-regulado/profissionais-da-aviacao-civil/meteorologia-aeronautica/veja-mais/glossario#P>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Veja também: pluviosidade. Faceta Propriedade; Pluvial. Faceta Propriedade.

271 Polinizador

Agente que favorece o transporte de pólen de uma flor a outra, favorecendo a reprodução cruzada.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia*. Parnaíba, 2016. 180 p.

Veja também: reprodução. Faceta processo.

272 População

Conjunto de indivíduos de uma mesma espécie que vivem numa mesma área geográfica e num mesmo período, mantendo entre si certa independência.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: dinâmica populacional. Faceta Processo.

273 Projeto Pólen

Iniciativa vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que tem como proposta a implementação de Polos de Educação Ambiental nos municípios do estado do Rio de Janeiro, realizando palestras, cursos e elaboração de projetos, ligados principalmente às questões socioambientais do estado.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: CÂMARA, M. Livro apresenta as experiências do Projeto Pólen. *Agência UFRJ de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 jul. 2010. Disponível em: <<https://ufrj.br/noticia/2015/10/22/livro-apresenta-experiencias-do-projeto-p-len>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Veja também: educação ambiental. Faceta processo.

274 Ramete

Clone de um vegetal.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: PROGRAMA SERINGUEIRA. Programa de pesquisa com a seringueira na apta/iac em execução. Instituto Agrônômico. Disponível em: <<http://www.iac.sp.gov.br/areasdepesquisa/seringueira/programapesquisa.php>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Veja também: genética. Faceta Entidade.

275 Recurso hídrico

São as águas da superfície e subterrâneas disponíveis para qualquer uso em uma determinada região.

Linha de Pesquisa Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: recurso natural. Faceta Entidade.

276 Recurso natural

Compreende tudo que se encontra na natureza (no solo, subsolo, água e ar) e pode ser utilizado como alimento, energia ou matéria-prima para diversos fins.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: ORMOND, J. P. (Org.). *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. 316 p.

Veja também: recurso hídrico. Faceta entidade.

277 Reino

A categoria mais alta classificada na hierarquia taxonômica.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: INTERNATIONAL COMMISSION ON ZOOLOGICAL NOMENCLATURE. *International Code of Zoological Nomenclature*. 4th ed. London: The International Trust for Zoological Nomenclature, 1999. 149 p. Adopted by the International Union of Biological Sciences.

Veja também: táxon. Faceta Materiais.

278 Sistemática

Estudo dos tipos e da diversidade de organismos e de todas e quaisquer relações entre eles. Trata, portanto, não apenas do arranjo dos organismos em grupos taxonômicos, mas também, da denominação dos mesmos e das causas e origem desses arranjos.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: taxonomia. Faceta Materiais; Sistemática molecular. Faceta Entidade.

279 Sistemática molecular

É a ciência dedicada a compreender as relações filogenéticas entre os organismos, utilizando marcadores moleculares nas análises.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: GALVÃO, C. (Org.). Glossário. In: VETORES da doença de chagas no Brasil. Curitiba: Sociedade Brasileira de Zoologia, 2014. p. 261-265. (Zoologia: guias e manuais de identificação séries). Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/mw58j/pdf/galvao-9788598203096-14.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Veja também: Sistemática. Faceta Entidade.

280 Sociedade

Tipo de relação harmônica intraespecífica em que indivíduos da mesma espécie se agrupam em reuniões ou bandos, de forma permanente, com a obtenção de vantagens para o grupo com a atuação de cada indivíduo. São exemplos clássicos de sociedades a dos cupins, formigas e abelhas.

Linha de Pesquisa Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: VOCABULÁRIO básico de recursos naturais e meio ambiente. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Não paginado.

Veja também: Ecologia. Faceta Entidade.

281 Taxocenose

Conjunto de espécies de um mesmo táxon vivendo numa mesma área.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: RAMBALDI, D. M.; OLIVEIRA, D. A. S. (Org.). *Fragmentação de ecossistemas: causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas*. Brasília, DF: MMZ/SBF, 2003. 510 p.

Veja também: táxon. Faceta Materiais.

282 Teoria de Metacomunidades

Busca explicar como processos que atuam em distintas escalas espaciais interagem para determinar a distribuição e ocorrência das espécies localmente.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: BRAGA, Caryne; OLIVEIRA, João Alves de; CERQUEIRA, Rui. Metacomunidades: uma introdução aos termos e conceitos. *Oecologia Australis*, [S.l.], v. 21, n. 2, p. 108-118, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4257/oeco.2017.2102.02>>. Acesso em: 18 out. 2018.

Veja também: metacomunidade. Faceta Entidade.

283 Topofilia

Elo de afetos positivos desencadeados por um lugar.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SANTA ANA, C. A. R. *O lugar como aquarela de natureza e cultura: a topoafetividade dos pescadores da Boca da Barra, em Rio das Ostras, RJ*. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) – Núcleo de Pesquisas Ecológicas de Macaé, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2014.

Veja também: topofobia. Faceta Entidade.

284 Topofobia

Elo de afetos negativos desencadeados por um lugar.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SANTA ANA, C. A. R. *O lugar como aquarela de natureza e cultura: a topoafetividade dos pescadores da Boca da Barra, em Rio das Ostras, RJ*. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) – Núcleo de Pesquisas Ecológicas de Macaé, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2014.

Veja também: topofilia. Faceta Entidade

285 Toxicologia ambiental

Ver ecotoxicologia.

286 Vegetação de regeneração

É resultante de processos naturais de sucessão, após supressão total ou parcial da vegetação primária por ações antrópicas ou causa naturais, podendo ocorrer árvores remanescentes da vegetação primária.

Linha de Pesquisa: Sistemas Naturais: Avaliação, Conservação e Desenvolvimento Socioambiental.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: pressão antrópica. Faceta Fenômeno.

287 Vegetação secundária

Ver vegetação de regeneração.

288 Vivíparo

Que produz o filhote ou rebento que sai do interior do corpo materno.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: GRISI, B. M. *Glossário de ecologia e ciências ambientais*. 3. ed. rev. ampl. João Pessoa: edição do autor, 2007.

Veja também: reprodução. Faceta processo.

289 Zooplâncton

Parte animal do plâncton. São animais muito pequenos, quase sempre microscópicos, que têm poucos meios de propulsão e são arrastados pelas correntes. É constituído principalmente por pequenos crustáceos e larvas de peixes.

Linha de Pesquisa: Biodiversidade: Estrutura e Reconhecimento.

Fonte: SILVA, P. P. L. et al. *Dicionário brasileiro de ciências ambientais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

Veja também: plâncton. Faceta Entidade.

